

Mapeamento dos
habitats de inovação
do ecossistema
do Espírito Santo



IDEALIZAÇÃO

EDP Brasil

REALIZAÇÃO

Máýra Belem Tavares de Brito

Metodologia, entrevistas, compilação, análise de dados e redação

Bee Consultoria e Pesquisa

COLABORAÇÃO ACADÊMICA

Guilherme Matos

Grupo de Pesquisa VIA – Estação Conhecimento da

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

CONFIGURAÇÃO DE DADOS E MAPAS NO GOOGLE

Otto Roberto Vidigal

Ideia na Prática

REVISÃO DO TEXTO PRINCIPAL

Oh, my tese!

VISUALIZAÇÃO DE DADOS

Sarah Kuplich

Global Touch

DIAGRAMAÇÃO/DESIGN

Daniela Dias

Todas e Nenhuma

É permitida a sua reprodução parcial, desde que a fonte seja devidamente citada.

Como referenciar este material:

ABNT – BRITO, Máýra Belem Tavares de; EDP BRASIL. **Mapeamento dos habitats de inovação do ecossistema do Espírito Santo**. Vitória, EDP Brasil, 2023.

APA – Britto, M. B. T. de & EDP Brasil. (2023). Mapeamento dos habitats de inovação do ecossistema do Espírito Santo. EDP Brasil.

M474mm

Mapeamento dos habitats de inovação do ecossistema do Espírito Santo / Máýra Belem Tavares de Brito, EDP Brasil. – Vitória: EDP Brasil, 2023.

123f.

1. inovação. 2. habitats. 3. ecossistema. 4. ciência e tecnologia. 5. desenvolvimento econômico.

A todos os atores do ecossistema de inovação que, a partir da disponibilidade de seu tempo e informações, possibilitaram a realização deste mapeamento, ajudando-nos a “fotografar” o estágio da inovação no Espírito Santo.

Prefácio

Na EDP, a inovação tem papel estratégico: antecipar as tendências do setor para liderar a transição energética no mundo e no Brasil. Essas tendências são os pilares de sua atuação, com a busca por soluções junto ao ecossistema de inovação para alavancar valor e crescimento do negócio. Desde 2016, quando foi criada, a área de Inovação da companhia está comprometida em promover novas formas de pensar e fazer para transformar o setor de energia globalmente.

Considerando os horizontes de inovação, nosso portfólio de projetos tem grande concentração em inovações incrementais (H1), adjacentes (H2) e disruptivas (H3), buscando soluções que contribuam com aumento de receita, redução de custos e eficiência operacional, por meio de novas tecnologias, modelos de negócios e/ou melhorias.

Nosso ecossistema de inovação é amplo e diverso, incluindo proximidade e parcerias com startups, hubs de inovação e outras corporações. Além disso, fomentamos a cultura de inovação por meio do intraempreendedorismo e a adoção de ideias de colaboradores, investimento em projetos e validação de provas de conceitos com startups e uma estratégia estruturada de venture capital.

Estamos comprometidos em promover novas formas de pensar e fazer para transformar o setor de energia no mundo.

Sumário

Apresentação	5
1 – Objetivos e procedimentos metodológicos	8
2 – Fundamentação teórica	11
2.1 Como Acontece o Desenvolvimento de um Ecossistema de Inovação	13
2.2 Quem são os Atores do Ecossistema	14
2.3 O que são Habitats de Inovação e quais as Tipologias?	16
2.3.1 Dimensão dos Mecanismos de Geração de Empreendimentos	18
2.3.2 Dimensão das áreas de Inovação (ou ecossistemas de inovação)	22
3 – Breve contexto do ecossistema de inovação do Espírito Santo	25
4 – Tipologias e localização dos habitats mapeados	29
4.1 Habitats de Inovação Incluídos nas Entrevistas	32
4.2 Mecanismos de Geração de Empreendimentos mapeados no Espírito Santo	33
4.3 Áreas de Inovação ou Ecossistemas de Inovação Mapeados no Espírito Santo	35
4.4 Características e Estratégias de Inserção dos Habitats & Percepção dos Gestores sobre o Ecossistema	39
4.4.1 Características Gerais dos Habitats	39
4.4.2 Estrutura dos Habitats	40
4.4.3 Entregas e Conexões dos Habitats	42
4.4.4 Percepções dos Gestores	45
4.4.5 Principais Desafios	46
Conclusões	48
Referências	50
Anexos	57
Anexo 1 – Breve apresentação dos habitats de inovação, suas atividades atuais e as informações de contato (canais de comunicação)	56
Anexo 2 – Lista dos entrevistados	64

Apresentação

Esta é a primeira edição do *Mapeamento dos habitats do ecossistema de inovação do estado do Espírito Santo*, idealizado pela EDP Brasil. A pesquisa é uma consolidação dos primeiros passos dados pelo Sebrae-ES em prol do desenvolvimento dos habitats em anos mais recentes.

A EDP Brasil, por meio do time de Inovação e Ventures, tem apoiado o desenvolvimento do ecossistema de inovação do Espírito Santo com o desenvolvimento de pesquisas que contribuam para dar visibilidade às iniciativas, participando de ações e movimentos locais, por considerar importante o incentivo ao empreendedorismo inovador, bem como a aproximação e o relacionamento entre os atores.

Nessa direção, a EDP Brasil espera colaborar com essa importante pauta local, contribuindo para a compreensão sobre o ecossistema pelos seus atores e demais interessados no tema e para o fortalecimento de ações direcionadas à criação de negócios inovadores. Além disso, busca contribuir para o desenvolvimento econômico e social do Espírito Santo.

Esta pesquisa é, também, uma ação complementar ao Mapeamento das *Startups*, da Liga Ventures e EDP Brasil (2022) em parceria com agentes locais em 2022, o qual buscou identificar as *startups* sediadas no Espírito Santo, conhecer seus modelos de negócio, identificar as características e categorias desses negócios inovadores¹. Este é um movimento vivo e as *startups* podem se inscrever uma vez que esse número está em evolução.

Nesse novo mapeamento, o intuito é ampliar a percepção sobre as características do ecossistema de inovação, uma vez que as startups dele fazem parte e estão inseridas em um contexto mais complexo e dinâmico.

Sendo assim, os mapeamentos são ferramentas importantes para conhecermos o panorama do ecossistema em desenvolvimento, embora as primeiras iniciativas nesse sentido no Espírito Santo remontem ao início da década de 1990, quando alguns atores se mobilizaram para definir a Zona do Parque Tecnológico de Vitória e a criação do primeiro ambiente de incentivo à inovação, a incubadora de base tecnológica TecVitória, que permanece ativa.

A pesquisa salienta a importância de conhecermos os movimentos anteriores ao momento atual, pois, décadas atrás, alguns atores já vislumbravam o estímulo ao empreendedorismo, ciência e tecnologia como um caminho possível para o desenvolvimento do Espírito Santo.

Localmente, esse movimento foi iniciado na esteira dos primeiros incentivos do Governo Federal, frente à criação de um ministério específico para essa área, em 1985. Por inúmeros fatores, o momento atual tem sido bastante oportuno para os diálogos sobre o tema e para as iniciativas que tem se estendido para a Grande Vitória e para o interior.

Os *habitats* têm sido referidos no ecossistema local como Ambientes Promotores de Inovação (API). No entanto, é importante ressaltar que, na literatura (MCTI, 2019a) API's caracterizam-se como o conjunto de atores envolvidos no desenvolvimento de novos negócios. Nesse sentido, API não é sinônimo de *habitat*, mas de ecossistema. Os *habitats*, na verdade, são apenas um dos conjuntos de atores ou, como veremos adiante, uma das hélices que integram um ecossistema de inovação. Assim, este

¹ Outra iniciativa de mapeamento foi liderada pelo empreendedor Renzo Colnago, que iniciou a criação de um mapa colaborativo para organizar os ambientes de inovação do Espírito Santo em algumas categorias.

Assim, este é o relatório completo do Mapeamento dos *habitats* de inovação, mas aqui você pode acessar a versão resumida, que apresenta os principais dados e *insights* obtidos em sua realização (dezembro de 2022 a abril de 2023).

Neste mapeamento, buscamos conhecer mais sobre os ambientes de inovação, suas categorias de acordo com a literatura científica, sua localização no território do Espírito Santo, a natureza jurídica e modelos de negócio de cada um, suas principais atividades.

Ainda, foram identificadas as conexões com os parceiros e as percepções dos atores em relação à evolução e desafios sobre o ecossistema em desenvolvimento, considerando a importância de sensibilizar as pessoas sobre a cultura da inovação nos diversos âmbitos sociais e de incentivar o empreendedorismo inovador com a criação de novas práticas, processos e produtos

O Espírito Santo possui um total de 78 municípios, sendo que, neste mapeamento, foram identificados ambientes de inovação ou iniciativas em processo de implementação em 16 deles, ou seja, em 20,51%. São eles: Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Linhares, Colatina, Cachoeiro do Itapemirim, São Mateus e outros nos quais o Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) mantém Núcleos Incubadores.

O mapeamento foi avaliado como uma ação relevante pelos membros do Movimento Capixaba pela Inovação (MCI), que estava em formatação jurídica quando este relatório foi finalizado.

Alguns insights que emergiram com sua realização ajudam-nos a confirmar que:

- a) um ecossistema de inovação tem características próprias, influenciadas pelos traços econômicos, culturais e sociais do seu contexto, mas os *habitats* têm características e tipologias específicas;
- b) as definições conceituais que constam deste mapeamento ajudam a entender a dinâmica dos ambientes e contribuem para que as ações sejam complementares para que o ecossistema capixaba ganhe a força e a relevância necessárias para se destacar nacionalmente;
- c) o estudo pode ser uma referência confiável para todos aqueles que atuam no universo da ciência, tecnologia e inovação (CT&I), além de ser um passo importante para incentivar a criação de iniciativas complementares e ações que possam se desdobrar a partir dos resultados aqui apresentados, inclusive no âmbito das políticas públicas.

O ecossistema de inovação é dinâmico por natureza e, por isso, carece de acompanhamento constante e apoio orientado para que o seu desenvolvimento gere valor aos envolvidos nessa rede, que precisa ser orquestrada. Isso quer dizer que o ecossistema de inovação precisa ser organizado, ter objetivos e metas compartilhadas.

Em função disso, é fundamental que os dados sejam atualizados com frequência, cientes da importância da articulação de iniciativas que potencializem o cenário local. Da mesma forma, é preciso maior incentivo a pesquisas em torno do tema, para que outros olhares venham a somar e contribuir para a projeção do nosso futuro, alinhado ao potencial patente do Espírito Santo.

² O Movimento Capixaba pela Inovação (MCI) tem como propósito estimular a inovação no Espírito Santo, contribuindo para o surgimento de um novo ciclo econômico e de prosperidade para a sociedade capixaba (<https://mcinovacao.com.br/>). O MCI está em fase de estruturação institucional, sendo liderado por algumas organizações representativas. Busca articular iniciativas de desenvolvimento do ecossistema, reunindo diversos de seus atores, os quais estão organizados em grupos de trabalho.

Para que você também possa participar desse processo de atualização, clicando neste link, é possível incluir um novo habitat ou inserir sugestões. Sua contribuição é muito importante, sobretudo para percebermos a força das iniciativas.

O mapeamento está assim estruturado: a seguir, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Posteriormente, explanamos conceitos teóricos sobre o ecossistema, algumas características e tipologias de habitats. Na sequência, os dados são apresentados e analisados, sendo discutidos os resultados obtidos e apresentada a distribuição dos habitats (por tipologia) no mapa do Espírito Santo. Concluindo, nas considerações finais, elencamos algumas proposições. No Anexo, apresentamos um breve resumo de cada *habitat* por categoria, assim como a lista dos entrevistados.

1 – OBJETIVOS & PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para mapear os *habitats* de inovação do ecossistema do Espírito Santo com o intuito de incentivar a sua orquestração e ativação, os seguintes objetivos específicos foram delineados e alcançados:

- apresentar as tipologias mais relevantes sobre o universo do ecossistema de inovação sob o ponto de vista da literatura científica qualificada e atualizada;
- descrever características estruturais dos ambientes de inovação no estágio atual (localização, perfil jurídico, dimensões de equipes, propósito, modelo de negócio, categoria em que se situam, natureza e recursos usados nos projetos de apoio às *startups* e capacidade de autossustentabilidade);
- descrever as estratégias (feiras, eventos, programas de pré-aceleração, editais, dentre outros) de inserção e colaboração dos *habitats* nas redes de Ambientes Promotores de Inovação para o desenvolvimento de empreendedores, projetos e novos negócios;
- identificar as percepções dos gestores dos *habitats* sobre o ecossistema de inovação capixaba e perspectivas futuras sobre sua atuação e desenvolvimento.

No que tange aos procedimentos metodológicos, as pesquisas podem ser classificadas quanto à natureza, abordagem do problema, objetivos e procedimentos técnicos (Prodanov & Freitas, 2013). Assim, o mapeamento realizado é de natureza aplicada, pois o conhecimento gerado servirá para divulgar as características e as iniciativas dos *habitats*, valorizando o poder das suas conexões, além de ser mais uma ação proposta pela EDP Brasil para contribuir com a estruturação do ecossistema.

A abordagem é mista, ou seja, é qualitativa, com foco na interpretação e exame das evidências baseadas nas informações coletadas, e também quantitativa, buscando codificar dados sobre um determinado fenômeno, neste caso, o funcionamento dos ambientes de forma que fosse possível fazer análise estatística dos dados.

Quanto aos objetivos, o mapeamento é exploratório e descritivo, pois apresenta os conceitos científicos relacionados à inovação e descreve as principais características dos ambientes de inovação.

Os procedimentos de coleta de dados utilizados foram a revisão da literatura científica e entrevistas. A revisão da literatura técnico-científica permitiu apresentar os conceitos mais relevantes em torno dos ecossistemas de inovação adotados pelas principais instituições promotoras da inovação no Brasil, a saber, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) e a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec).

Importante destacar, também, a relevância de pesquisas desenvolvidas por universidades, sobretudo pela Universidade Federal de Santa Catarina, que se tornou referência em estudos sobre ecossistemas e *habitats*, por meio do Grupo de Pesquisa Via – Estação do Conhecimento, o qual faz parte do Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

As entrevistas, por sua vez, foram realizadas via *Google Meet*, com representantes do ecossistema, a partir de um roteiro semiestruturado, aplicado de dezembro de 2022 a abril de 2023. Antes de iniciarmos esse processo, o roteiro foi validado por alguns atores vinculados a universidades, poder público e iniciativa privada.

O roteiro foi elaborado na plataforma *Google Forms* para facilitar a organização das respostas durante as entrevistas e para favorecer a compilação dos dados. A planilha eletrônica Excel facilitou o registro, organização e análise das informações coletadas com os entrevistados, separadas em abas, para que fosse possível traduzir as respostas para dados estatísticos e gráficos.

Durante as entrevistas, foi possível identificar se o ambiente compunha o conjunto de *habitats* ou se era um dos atores do ecossistema. A partir disso, por falta de correspondência com a definição apresentada na literatura (Via Museu, n. d.), alguns foram desconsiderados neste mapeamento, embora estejam alocados como hélices da inovação.

Especificamente no que diz respeito aos coworking, estes são considerados como *habitats* na literatura (Via Museu, n.d.). Todavia, durante as entrevistas, foi possível notar que os ambientes popularmente divulgados sob essa nomenclatura no mercado capixaba são, em geral exercem um papel que não encontra correspondência com a definição conceitual encontrada na literatura.

Em outras palavras, no Espírito Santo, geralmente os *coworking* são apenas espaços de trabalho compartilhados, com pouco envolvimento com o ecossistema de inovação, embora neles ocorram eventos, *networking*, e a possibilidades de se realizar projetos e parcerias. Em função disso, esses espaços não foram considerados na etapa das entrevistas.

Em suma, do ponto de vista quantitativo, foi possível conhecer todo o universo de *habitats* do Espírito Santo, processo facilitado pelo fato de estarem concentrados em poucas cidades do estado. Apenas os *habitats* que não deram retorno em tempo hábil não foram incluídos nas entrevistas semiestruturadas.

A seguir, está o resumo visual para facilitar a compreensão do processo percorrido para a elaboração deste mapeamento.

RESUMO VISUAL DA METODOLOGIA



Ao todo, foram realizadas 56 entrevistas, de modo que a maior parte dos gestores dos *habitats* identificados no Espírito Santo participou dessa etapa. A fim de cumprir o objetivo de captar as percepções dos atores, foram usadas somente 40 entrevistas, que totalizam o número de *habitats* capixabas.

No entanto, ainda que o teor de suas entrevistas não tenha sido considerado nesta etapa, os demais entrevistados são listados no Anexo 2, pelo fato de fazerem parte do ecossistema de inovação em outras hélices. O Anexo 2 também lista os representantes dos *habitats* dos quais não obtivemos retorno em tempo hábil, por reconhecermos a relevância de tais ambientes em termos históricos.

Cada um dos *habitats* foi categorizado e indexado ao *Google Maps*. No Anexo 1, encontra-se um breve descritivo dos *habitats* por categorias. No Anexo 2, incluímos uma tabela com a lista dos ambientes, os entrevistados e seus respectivos gestores. Esses materiais têm o intuito de ampliar a compreensão sobre as iniciativas, e conseqüentemente, favorecer as conexões entre atores e ambientes.

Outro ponto a considerar é que os Núcleos Incubadores do Ifes foram contabilizados na categoria incubadoras, pelas suas características e processos, mas foram consideradas as respostas dadas somente pelo representante da Agência de Inovação do Ifes (Agifes), na qual está centralizada a gestão da rede de núcleos incubadores e a gestão de propriedade intelectual na instituição.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As definições conceituais sobre ecossistema de inovação, sua dinâmica e seus ambientes são elementares na compreensão de sua relevância para a competitividade e para o desenvolvimento econômico em níveis local, regional e nacional (Lasmar et al., 2019). Essas definições nortearam a realização deste mapeamento dos *habitats* de inovação capixabas. Este capítulo cumpre o objetivo de apresentá-las.

O termo “ecossistema” remonta aos sistemas biológicos complexos. Sua origem vem do grego, sendo formado pelos substantivos “eco” (oikos), que significa “casa”, e “sistema” (systema), que indica a conexão de elementos interdependentes. A expressão “ecossistema de inovação”, por sua vez, caracteriza-se por ser uma evolução do conceito de ecossistemas de negócios criado por Moore (1993). Em seu argumento, as empresas devem ser consideradas parte de um ecossistema de negócios, e não um organismo individual. Em sua visão, as interações entre os atores de uma cadeia produtiva podem gerar cooperação e interdependência, criando um ciclo virtuoso de valor aos negócios e fortalecendo todos os envolvidos.

Na definição do MCTI (2019a), ecossistemas de inovação são espaços que agregam infraestrutura e arranjos institucionais e culturais com o objetivo de atrair empreendedores e recursos financeiros. Potencializam o desenvolvimento da Sociedade do Conhecimento³ (Castells, 2005).

Ecossistemas de inovação são um conceito relativamente recente, que representa um universo de atores, entidades, elementos e características, que, reunidos de forma orgânica, formam um ambiente favorável ao surgimento da inovação⁴ e do empreendedorismo inovador (Matos & Teixeira, 2022).

Ecossistema de inovação também pode ser entendido como um conjunto de indivíduos, comunidades, organizações, recursos materiais, normas e políticas por meio de governos, institutos de pesquisa, universidades, laboratórios, pequenas e grandes empresas e mercado financeiro de uma determinada região, que, de forma coletiva, são capazes de criar um fluxo de conhecimento que possibilita um desenvolvimento tecnológico que gere inovação (Wessner, 2007).

³ Manuel Castells (2005), sociólogo que estuda os impactos da tecnologia da informação e da comunicação, percebeu que a sociedade do conhecimento está organizada em redes. De um capitalismo industrial, passamos a viver um capitalismo informacional, em que essas tecnologias exercem grande influência sobre as relações de trabalho e produção. Além disso, a cultura e as relações sociais passam a ocupar um novo território simbólico.

⁴ Os conceitos atrelados à inovação são inúmeros, mas, de forma alinhada com este mapeamento, é importante ressaltar que se trata de um processo complexo, interativo e não linear. A combinação entre pesquisa e desenvolvimento – observando-se os potenciais econômicos locais – e o engajamento de diversos agentes são condições fundamentais para que a inovação aconteça (Diniz, 2000). A inovação, segundo Audy (2017), está presente em todos os segmentos da sociedade, mas não pode ser confundida com novas ideias, uma vez que é preciso que seja possível aplicá-la, demonstrando sua capacidade de transformar o universo em que se insere, por agregar valor do ponto de vista social, econômico e pessoal. A inovação pode, ainda, ser entendida como a aplicação de novos conhecimentos visando à criação de novos produtos, serviços e processos ou melhorias significativas nos atributos destes, podendo ser radical (mais intensa) ou incremental na contribuição trazida ao processo de mudança (OCDE, 2005).

Diante de abordagens e conceitos amplos e diversos, ora complementares, ora divergentes, tomamos a definição elaborada por Gomes (2021:40), para quem

(...) ecossistema de inovação pode ser caracterizado por uma rede, espontânea ou induzida, que tem como foco promover conexão entre os atores, gerando interações colaborativas e cooperativas, proporcionando um espaço onde a criatividade é estimulada e o fluxo de conhecimento é presente. Espera-se desses ambientes estímulo ao empreendedorismo e à inovação, gerando competitividade e desenvolvimento econômico para cidades, regiões e países.

Leipnitz e Lóssio (2021) salientam a importância da interconexão de um conjunto de atores que são compostos por academia, governos de todos os níveis, indústrias, órgãos científicos, econômicos e associações e ainda empreendedores, investidores, pesquisadores, núcleos de transferência de tecnologia, prestadores de serviço entre outros.

Para Gomes e Teixeira (2018), a união imaterial desses diversos atores, ainda que dispostos como engrenagem invisível, pode promover o desenvolvimento do empreendedorismo, da inovação e da tecnologia, potencializando o desenvolvimento regional.

Os ecossistemas de inovação têm ganhado relevância em todo o mundo. Tendem a ser criados e desenvolvidos com o intuito de realizar uma transformação territorial, na qual os atores locais se conectam e a cooperação entre as empresas é organizada, com a finalidade de promover o desenvolvimento tecnológico e da inovação (Jackson, 2011). Todavia, no Brasil, somente a partir de anos mais recentes é que ações conjuntas foram identificadas como estratégias para a inovação.

Há elementos importantes de serem considerados em um ecossistema e um dos principais são os talentos que precisam ser criados, atraídos e retidos. Esses talentos podem ser representados pelo capital

intelectual, aplicado tanto para empreender e criar negócios como também para compor equipes qualificadas nas empresas. Outro elemento é a presença de recursos financeiros, públicos ou privados, para fomentar o desenvolvimento da inovação, em projetos de empresas, financiamento de pesquisas e para alavancar *startups*, por exemplo (Matos & Teixeira, 2022).

O desafio de geração de valor é de todas as regiões brasileiras e muitos programas, iniciativas e aparatos legais estão sendo fomentados em âmbitos municipal, estadual e federal para estimular o empreendedorismo inovador. Um exemplo é o Inovativa, programa gratuito de aceleração oferecido pelo governo federal e promovido pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços em parceria com o Sebrae.

Pela diversidade de abordagens, os conceitos de ecossistema de inovação têm aplicações distintas. Os contextos também podem ser diferentes, uma vez que o ecossistema está relacionado a estratégias de inovação; redes de valor; empreendedorismo; plataformas de inovação; *startups*; ecossistemas de inovação corporativos, acadêmicos, de cidades, regionais e países (Matos, 2022).

E qual é o intuito de se fazer um diagnóstico sobre o ecossistema do Espírito Santo?

Teixeira et al. (2016) defendem a importância de os atores serem identificados para favorecer a coordenação das ações, de acordo com o potencial de cada região e suas respectivas necessidades. Mais que isso, compreender a própria realidade é o caminho para ser mais preciso na proposta de orquestração e ativação do ecossistema.

Todas as iniciativas – ações, programas, políticas públicas e legislações – são condições importantes para direcionar o desenvolvimento inovador. À medida que os atores que o compõem são capazes de se conhecer e evoluir, o ecossistema se desenvolve, com reflexos nas ações realizadas e nos resultados.

A articulação dos atores, portanto, é condição fundamental para a sua evolução e isso passa pelo desafio de fazer funcionar as hélices da inovação. Em outras palavras, todas elas, no contexto sistêmico, precisam estar em movimento ordenado para que a dinâmica aconteça na prática.

Nesse universo cocriado, a compartilha de conhecimento é um recurso-chave (Teixeira et al., 2016), uma vez que sua transferência entre universidades, mercado, governo e sociedade denotam a relevância da sinergia de uma construção colaborativa em rede⁵. Quando os agentes estão geograficamente próximos, a transferência de conhecimento é facilitada, principalmente entre empresas e universidades.

Neste mapeamento, consideramos que todos os atores são igualmente importantes no processo e se influenciam contínua e mutuamente. Além disso, por uma questão de recorte, nosso olhar focalizou-se no sentido de conhecer mais sobre os habitats de inovação do estado do Espírito Santo, sem deixar de mencionar o contexto mais amplo da realidade na qual eles estão inseridos.

2.1 - Como Acontece o Desenvolvimento de um Ecossistema de Inovação

Em todos os continentes, muitas cidades estão se dedicando a criar ambientes de inovação, que, lastreados na economia do conhecimento, desvendam caminhos para o setor produtivo e para a sociedade em geral. Sendo assim, é fundamental o desenvolvimento de um contexto favorável às interações promotoras de inovação.

Os ecossistemas buscam cumprir este papel, seja pelos relacionamentos complexos que estabelecem ou pelo dinamismo das relações, tendo a confiança, a colaboração e a cocriação como pontos-chave para promover o empreendedorismo inovador (Gobble, 2014).

Moore (1993) apresenta quatro fases do desenvolvimento de um ecossistema, as quais estão atreladas à sua maturidade. São elas: nascimento, expansão, liderança e renovação ou extinção.

A fase do nascimento é o momento de identificar recursos e esforços – tendo-se em mente que o engajamento é reduzido e que ocorre a sobreposição de atividades – além de perceber valor e desenhar a estrutura do ecossistema.

A fase seguinte é a da expansão, quando ocorrem a estruturação, desenho de processos, de conexão com os atores e divulgação para mais pessoas.

A terceira fase, por sua vez, é a da liderança, quando a governança precisa direcionar e estimular os atores envolvidos a trabalharem em conjunto, em torno dos objetivos estabelecidos.

Ao longo dessas três primeiras fases, considerando-se as influências, as disputas ocorrem com frequência, mas também é despertado o senso de cooperação manter o ecossistema.

A última fase do desenvolvimento de um ecossistema é a renovação ou extinção, posto que o momento tende ao declínio, pela alta especialização do conhecimento, o que eleva os custos. Nesta fase, pode ocorrer a obsolescência, sendo necessário optar pela renovação ou extinção e um novo movimento pode surgir, pautado em novas ideias. Trata-se, portanto, de um processo cíclico, como a própria natureza.

⁵ O lócus da inovação deve estar em um ambiente de experimentação em rede que não fique restrito apenas às cadeias produtivas, mas abarque as redes de competências (Prahalad & Ramaswamy apud Machado et al., 2018). E apesar da existência formal ou informal das redes nacionais e internacionais, pode-se dizer que há uma falta de uma maior conexão entre entidades, principalmente quando se fala sobre os habitats de inovação e suas tipologias (Machado et al., 2018).

Moore (1993) reitera que o ecossistema pode chegar a morrer antes de atingir qualquer uma das quatro fases descritas, pelos mais diversos motivos. Todavia, a liderança precisa exercer um papel fundamental no desenvolvimento do ecossistema, demonstrando condições de direcionar os demais para que o movimento seja cíclico.

Dentre as provocações mais relevantes que os ecossistemas precisam levar adiante é, cientes da necessidade de adaptação às constantes mudanças do mercado e de serem auto-organizados, encontrar e compartilhar uma proposta única de valor, por meio de uma motivação convergente entre os atores (Matos, 2022).

Outro ponto importante a ser considerado é a necessidade de haver protagonistas que liderem o ecossistema e ao mesmo tempo, que formem novas lideranças para esse protagonismo. O ecossistema é composto por diversos atores, que fazem parte de um contexto, e todos têm a mesma importância. Logo, não há um dono, um proprietário ou líder único, devendo, sempre, haver uma somatória de esforços ao longo do tempo quando existem objetivos comuns definidos entre os pares (Matos & Teixeira, 2022).

Além de observar os fatores, conhecer as características locais de forma ampla, bem como as políticas e legislações para a inovação, os recursos e estruturas disponíveis, o acesso da população ao tema CT&I, dentre outros fatores, são condições para o desenvolvimento do ecossistema. O conhecimento e envolvimento dos atores de cada região, as ações e interações entre eles são relevantes para o alcance dos resultados de inovação de um ecossistema (Gomes, 2021).

2.2 – Quem são os Atores do Ecossistema

Os ecossistemas de inovação são formados por atores diversos, como mencionado anteriormente.

O desenho inicial desse modelo, referenciado internacionalmente como Tríplice Hélice ou Triple Helix, envolve a atuação orquestrada entre governo, academia e empresas. Esse modelo foi proposto na década de 1990 por Etzkowitz e Leydesdorff (1998) e considera que as hélices são movimentos indutores da inovação.

O modelo Tríplice Hélice representa uma mudança importante de paradigma na produção de inovação. Está definido em uma economia baseada no conhecimento, com foco nos processos de transformação nas relações entre universidade (que gera e transmite conhecimento, desenvolve e atrai talentos, incentiva o empreendedorismo inovador, por meio de institutos de ciência e tecnologia e centros de pesquisa), indústria (setor produtivo, potencializador do valor econômico) e governo em todos os âmbitos (regula legislações, cria políticas públicas e fomenta o desenvolvimento tecnológico). Juntos, esses atores compõem um arranjo sistêmico que ajuda a trazer impactos sociais e econômicos para as cidades e regiões abarcadas pelo ecossistema.

Outros modelos foram desenvolvidos como evolução da Tríplice Hélice, que passa a envolver mais atores. Carayannis e Campbell (2009) incluíram a sociedade civil como indutora e usuária da inovação, propondo um modelo de quádrupla hélice. Posteriormente, esses autores sugeriram o acréscimo de uma quádrupla hélice, que se refere ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável.

Há, também, a contribuição de Faria et al. (2021), que incluem os meios de comunicação nesta hélice, pela sua importância na democratização da inovação, bem como em acompanhar os movimentos empreendedores e as mudanças tecnológicas e científicas

Em âmbito nacional, há uma perspectiva mais ampliada para o ecossistema de inovação, trazida mais recentemente por Teixeira et al. (2017), que identificaram sete atores como hélices, a saber:

- 1) **atores de conhecimento:** responsáveis por formar pessoas e fomentar a criação de empresas futuras, incentivam o desenvolvimento de pesquisas e a criação de novas tecnologias;
- 2) **atores públicos:** situados em todos os âmbitos, são promotores do ecossistema de inovação por meio de programas, regulamentos, políticas e incentivos para o nascimento, crescimento e investimento em empresas, além de articular a geração da inovação;
- 3) **atores empresariais:** organizações que criam produtos, serviços, processos e novas empresas, considerados os motores do ecossistema, podendo ser desde *startups* até grandes empresas;
- 4) **atores de habitats de inovação:** geram espaços propícios para que o empreendedorismo e a inovação aconteçam, consistindo em *hubs* do ecossistema, os quais promovem ações, desenvolvimento de talentos, capital e conhecimento, sendo responsáveis, ainda, por aproximar os atores para diminuir os riscos e maximizar os resultados;
- 5) **atores de fomento:** vão além de bancos e fundações de amparo, incluindo os investidores anjo, programas de subvenção, como o Empreendedorismo em Desenvolvimento no Espírito Santo (Seeds) ou de risco. Podem fornecer recursos reembolsáveis ou não, permitindo o acesso ao capital para o desenvolvimento do empreendedorismo e da inovação;
- 6) **atores institucionais:** atuam para impulsionar os interesses de diferentes nichos e são organizações públicas ou privadas que representam atores ou classe de atores;
- 7) **atores da sociedade civil:** pessoas que influenciam os negócios e impactam no desenvolvimento da inovação (atuam como voluntários, animadores e entusiastas), compreendendo, ainda, as organizações não governamentais, quando estas agem em favor das ações do ecossistema.

Por englobar conceitos mais amplos e envolver múltiplos atores, como é próprio de um ecossistema de inovação, este foi o modelo utilizado para nortear a organização das informações sobre o ecossistema capixaba. Além desses, estamos propondo a inclusão de mais duas hélices, a comunicação e os prestadores de serviço, com base em Faria et al. (2021) e Brito (2022), como veremos mais adiante, no âmbito das análises.



Infográfico baseado na perspectiva das nove hélices

2.3 – O que são Habitats de Inovação e quais as suas Tipologias?

Frente ao contexto e às oportunidades advindas do movimento mundial na Sociedade do Conhecimento, é necessário reconhecer que, no Brasil, os ambientes promotores de inovação são uma das bases para a construção de um ambiente socioeconômico no qual a inovação, o conhecimento, a criatividade e o empreendedorismo são valores centrais.

Com tais valores, um ecossistema é capaz de incentivar o desenvolvimento econômico de cidades e regiões, ao criar e transformar o conhecimento de forma tangível e utilitária para a sociedade (Audy, 2018). Ambientes Promotores de Inovação representam o ecossistema como um todo, bem como suas características específicas.

Os *habitats* de inovação, especificamente, são definidos como

espaços diferenciados, propícios para que as inovações ocorram, pois são locus de compartilhamento de informações e conhecimento, formando networking, e permitem minimizar os riscos e maximizar os resultados associados aos negócios. O habitat de inovação permite a integração da tríplice e procura unir talento, tecnologia, capital e conhecimento para alavancar o potencial empreendedor e inovador (Teixeira et al., 2016:8).

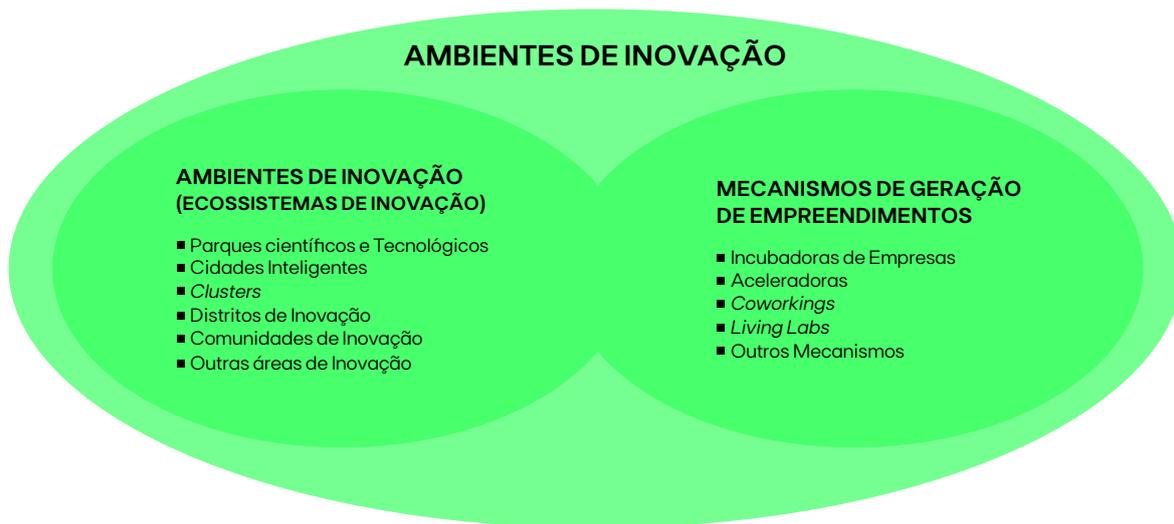
Novos modelos institucionais e com diferenciais específicos começaram a surgir a partir da necessidade de incremento tecnológico e gestão, a partir da aproximação entre o setor produtivo e os desenvolvedores de pesquisa e desenvolvimento (P&D), atores centrais nesse processo. Esses ambientes surgem de atores diversos, do setor público ou privado, mas a condição preponderante é o intenso intercâmbio entre eles (Anprotec & Sebrae, 2022).

A infraestrutura por si só, não é capaz de gerar inovação, portanto os serviços de apoio à geração de

novos negócios e os programas específicos que incentivam o empreendedorismo e o desenvolvimento de novos negócios são caminhos para que os habitats sejam capazes de gerar valor. Na análise de Teixeira et al. (2016), esses atores são fundamentais para potencializar o ecossistema de inovação.

Como mencionamos, o ecossistema, formado pelos ambientes promotores de inovação, é composto por atores diversos. Todavia, reiteramos que o foco deste mapeamento é um olhar sobre um de seus atores, que são os *habitats* de inovação, focando o olhar sobre um estado específico, o Espírito Santo, para que possamos conhecê-los, analisar sua distribuição por categorias, identificar as regiões em que se encontram, assim como seus posicionamentos, suas principais conexões, desafios e percepções sobre a realidade local, dentre outros pontos.

Os *habitats* de inovação estão organizados em duas dimensões em um ecossistema: podem ser mecanismos de geração de empreendimentos, como é o caso das incubadoras, aceleradoras e *coworking*, ou áreas de inovação (ou ecossistemas de inovação), que consistem em os distritos de inovação, polos tecnológicos, parques científicos e/ou tecnológicos, centros ou *hubs* de inovação e cidades inteligentes (MCTI, 2019a). Há um esforço por parte dos pesquisadores – sobretudo da Universidade Federal de Santa Catarina, reunidos no grupo de pesquisa Via do conhecimento (Via – Estação Conhecimento, 2018; Via Museu, n.d.) – para classificar os *habitats*, sendo encontradas diferentes definições, mas que podem ser complementares.



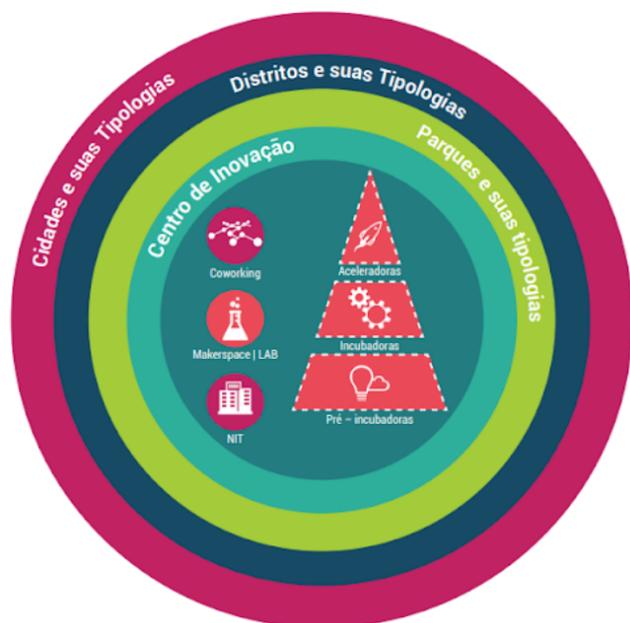
Fonte: Anprotec (2019:12).

No processo de categorização, os empreendedores são considerados atores importantes no desenvolvimento de seus projetos, mas os *habitats* de inovação existem (ou precisam existir) justamente para apoiar a sensibilização e a criação desses novos negócios sustentáveis (Matos & Teixeira, 2022).

Quando maduro, o próprio ecossistema de *startups* compreende e defende a importância da contribuição dos principais agentes para o desenvolvimento dos negócios em toda a sua jornada, desde a concepção da ideia até o plano de aquisições e fusões (Teixeira et al., 2021).

Para facilitar a compreensão sobre as tipologias⁶ de *habitats*, compostas por elementos conceituais e aplicações práticas, cada um deles será definido a seguir, embora não haja uma conceituação única e consensual, mas uma complementariedade, pois esses *habitats* se transformam e seus modelos evoluem – as incubadoras, por exemplo, já têm um percurso longo e, assim, agregam mais elementos para a compreensão e análise, diferentemente das aceleradoras, que possuem um histórico mais recente.

O alinhamento de definições é importante para compreendermos as transformações, contribuir para a integração dos atores, potencializar as ações e para o próprio fortalecimento do ecossistema (Teixeira, 2018). As tipologias de *habitats* de inovação estão representadas a seguir.



Fonte: Teixeira (2018:11).

⁶ Em relação às tipologias, Audy (2018), defende que o estudo feito pelo grupo de pesquisa Via – Estação Conhecimento avança e complementa outras abordagens, como as propostas da Anprotec (no Brasil) e do International Association of Science Parks (em nível internacional), trazendo luz e novas contribuições sobre o tema. Dessa maneira, permite um alinhamento conceitual e contribui para a integração de diversos atores do ecossistema e potencializa ações em torno do empreendedorismo e da inovação.

A seguir, descrevemos os *habitats* encontrados no Espírito Santo, nesta ordem, os da dimensão mecanismos de geração de empreendimento e os da dimensão áreas inovação.

Essa descrição baseia-se, sobretudo, nos estudos sobre os conceitos e práticas relacionados aos ambientes de inovação difundidos pelo grupo de pesquisa Vía do Conhecimento, por serem referência na área e por reunirem as percepções dos principais autores que tratam desses temas.

2.3.1 - Dimensão dos Mecanismos de Geração de Empreendimentos

Pesquisa da Global Entrepreneurship Monitor, que avalia o empreendedorismo mundialmente, apontou que o número de empreendedores à frente de um negócio com mais de 3,5 anos voltou a crescer no Brasil no início da década de 2020. Outro dado relevante é que os empreendedores se iniciam nesse papel com maior nível de escolaridade. Do total, 28,5% têm curso superior completo, maior índice desde 2013 (GEM, 2021).

Embora seja importante levar em conta que o emprego não qualificado afeta em torno de 40% dos jovens brasileiros (Lima & Gerbelli, 2020), o presidente do Sebrae Nacional, Carlos Melles, avalia que quanto mais escolarizado, mais o empreendedor estará propenso a empreender por oportunidade, em vez de fazê-lo por necessidade (Agência Sebrae de Notícias, 2022).

A escolaridade, portanto, garantiria uma taxa mais alta de sucesso na gestão do negócio. Os *habitats* de inovação e os demais atores de um ecossistema, por seu lado, devem servir justamente ao apoio ao desenvolvimento do empreendedorismo inovador.

A seguir, descrevemos os *habitats* de inovação que atuam como mecanismos de geração de empreendimentos.

a) Incubadoras

As incubadoras surgiram no Brasil na década de 1980, por incentivo do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq). Segundo Chierighini (2021), uma incubadora é um ambiente que busca estimular o empreendedorismo por meio da criação de novas empresas, fornecendo suporte às Empresas de Base Tecnológica (e aos centros de P&D de médias e grandes empresas).

A incubadora oferece apoio técnico e gerencial aos novos negócios, além de oportunidade de crescimento e parceria, por exemplo, com consultoria, assessorias jurídica e contábil, equipamentos, laboratórios, *networking*, dentre outros.

Esses ambientes tratam de um processo de desenvolvimento interativo e objetivam incentivar a criação de negócios e apoiar empresas em fase inicial de desenvolvimento de produtos inovadores. Conforme Azevedo e Teixeira (2018:216),

(...) a dinâmica que tem caracterizado a indústria da incubação ao longo dos últimos 20 anos tem sido levada principalmente por tentativas de incubadoras para satisfazer as necessidades emergentes de novas start-ups (a maioria das quais foi trazida pela revolução da internet).

Neste contexto, em 2006, a Anprotec criou o Centro de Referência para o Apoio a Novos Empreendimentos (Cerne), cuja metodologia de gestão visa a promover o sucesso dos empreendimentos inovadores (Chaves & Costa, 2019). O modelo Cerne foi desenvolvido por meio da parceria entre Sebrae e Anprotec, após constatação de que a avaliação da eficiência das incubadoras era deficiente, o que, por consequência, impactava as empresas incubadas. Esse modelo analisa os empreendimentos a partir de três níveis principais: a empresa, o processo de incubação e a incubadora (Almeida, 2015).

b) Aceleradoras

O fenômeno das aceleradoras emergiu nos primeiros anos do novo milênio nos Estados Unidos, chegando ao Brasil em 2005. As aceleradoras apoiam as *startups* na fase inicial, quando estas validam demandas, lançam e testam produtos, além de testar os canais de venda iniciais. Ajudam as *startups* a percorrer do ponto A ao B de maneira mais estruturada e rápida (Mueller, 2021).

Outras definições complementam o conceito de aceleradora, como a oferecida por Flôr e Teixeira (2018:192), para quem

Aceleradoras são organizações que buscam acelerar a criação de novas empresas preparadas para enfrentar a realidade do mundo dos negócios e determinar sua viabilidade. Estas focam no fornecimento de educação, networking e orientação, por meio de capacitação, mentorias intensivas e eventos. As oportunidades de networking com empreendedores de sucesso e egressos bem-sucedidos de programas de aceleração são diferenciais. Além disso, um dos mecanismos mais importantes da aceleração é a possibilidade dos investimentos, principalmente de capital semente ou anjos.

No Espírito Santo, foram identificadas incubadoras e aceleradoras, as quais, cabe ressaltar, também cumprem, respectivamente, a função de pré-incubadora e pré-aceleradora, pois possuem programas de incentivo à etapa de ideação de negócios. Provavelmente isso ocorre em função da necessidade de ampliar a base de *startups* no ecossistema capixaba, sendo esta uma das metas compartilhadas pelos atores locais, segundo objetivos traçados e compartilhados pelo Movimento Capixaba pela Inovação. As iniciativas que fomentam o *mindset* empreendedor são de extrema relevância na fase de desenvolvimento em que o ecossistema se encontra nesse início dos anos 2020.

A tabela a seguir estabelece as diferenças entre pré-incubadoras, incubadoras e aceleradoras.

PRÉ -INCUBADORA	INCUBADORA	ACELERADORA
Ideia de negócio	Empresas formalizadas	Empresas formalizadas que tenham alto potencial de crescimento
Serviços de consultorias, cursos, mentorias em prol do desenvolvimento do modelo de negócio ou ainda do plano de negócio	Serviços de consultoria, assessoria, cursos, mentorias e cursos voltados para o desenvolvimento do negócio já constituído	Serviços de capacitação e mentorias e cursos voltados para o desenvolvimento do negócio já constituído
Ambiente compartilhado sem instalação física por empresa	Ambiente próprio para empresas incubadas	Ambiente compartilhado em instalação física por empresa
Duração de 6 a 8 meses	Duração de 2 prorrogáveis por mais de 2 dependendo da complexidade da empresa	<i>Incubator, technology, and innovation centres in Switzerland: features and policy implications</i>
Duração de 6 a 8 meses	A graduação das empresas incubadas depende de fatores como o anamento do negócio (desempenho da empresa) conforme diagnósticos realizados periodicamente	Duração de 4 semanas a 1 ano não prorrogáveis
A pré-incubação tem finalidade de fazer que com que os empreendedores tenham um modelo de negócio ou plano de negócio consistente ou ainda, em alguns caso, estejam aptos para a incubação	A incubação tem finalidade a inserção das empresas incubadas no mercado após a sua graduação (final do processo). A sobrevivência no mercado também é um dos objetivos do processo de incubação	A aceleração tem a finalidade de acelerar a criação de novas empresas para rapidamente enfrentar as realidade do mundo dos negócios e determinar se o empreendimento é realmente viável. Preparar as empresas para o aporte de recursos de investimentos também é um dos objetivos do processo de aceleração
Não tem compromisso com o investimento	Não tem compromisso com o investimento	As empresas recebem recursos de capital semente e ainda há preparação para investidores de risco, como os investidores anjo que se tornam acionários da empresa

Alguns programas governamentais trouxeram metodologias de pré-incubação para o Espírito Santo, como é o caso da TXM/CocreationLab, de Santa Catarina, que está sendo aplicada em Vitória, capital capixaba, como também em cidades do interior. O intuito é incentivar a criação de novos negócios e capacitar empreendedores para estruturar o propósito, o posicionamento, realizar *benchmarking*, identificar o problema, criar o produto, elaborar o planejamento, dentre outras frentes importantes.

c) *Coworking*

Na sociedade contemporânea, o conhecimento ultrapassou o capital e o trabalho, tornando-se o mais importante fator de produção da nova economia. Isso significa que o desenvolvimento socioeconômico está atrelado à capacidade de disseminar e aplicar o conhecimento. Os modelos de *habitats* de inovação mais recentes passam por esses rearranjos, a partir das constantes transformações e novos

valores adquiridos na sociedade (O'shea et al., 2007). Os *coworking* são exemplos disso, assim como os labs de grandes corporações e os coffee shop.

Os *coworking* podem ser definidos como ambientes que possibilitam o desenvolvimento de negócios por meio da colaboração, *networking* e valores compartilhados, sendo muito mais que um espaço físico gerador de facilidades estruturais de baixo custo. Essas características são conceitos norteadores nos diversos ambientes de inovação, alterando modelos mentais, arranjos físicos, plataformas virtuais, relações de trabalho e de vida, gerando valor para o indivíduo e sua comunidade, ao mercado e às relações globais (Campos et al., 2018).

Werner (2021) sublinha que os *coworking* são o ponto de encontro da comunidade empreendedora. Isso porque é muito válida a integração com outros atores do ecossistema, realizando nesses espaços ações e eventos regulares e em conjunto, com o intuito de apoiar empreendedores.

d) Núcleos de Inovação Tecnológica (NIT's)

Os NIT's são unidades responsáveis pela gestão da política de inovação tecnológica de instituições de P&D, como universidades e institutos de pesquisa, públicas ou privadas, que podem criar o núcleo individualmente ou em arranjo.

São responsáveis por desenvolver estudos de prospecção tecnológica e de inteligência competitiva na área da propriedade intelectual; realizar estudos e estratégias para a transferência de inovação gerada pelo ICT; promover relacionamentos com empresas; negociar e gerir os acordos de transferência de tecnologia oriunda das instituições às quais estão vinculados (Lei n. 13.243, 2016).

Esses ambientes promovem a proteção do conhecimento gerado por meio de patentes, marcas e outros tipos de propriedade intelectual, além de facilitar a transferência de tecnologia para o setor produtivo,

contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico do país.

Alguns exemplos de NIT's no Brasil são o Núcleo de Inovação Tecnológica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NIT-UFRJ) e Núcleo de Inovação Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas (NIT-Unicamp).

e) Laboratórios de Inovação

São espaços físicos que oferecem condições para a realização de atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I) em conjunto com empresas e instituições de ensino e pesquisa. São propícios à geração de novas tecnologias e produtos, bem como para a capacitação de profissionais e a transferência de conhecimento para a sociedade.

Alguns exemplos de Laboratório de Inovação são o Cubo Itaú (espaço de fomento ao empreendedorismo e inovação do Itaú Unibanco), Laboratório de Inovação do Bradesco (InovaBRA), Centro de Inovação, Conhecimento e Cultura da Natura (Natura Campus).

Segundo o grupo de pesquisa Via do Conhecimento, um Laboratório de Inovação Empresarial é um ambiente organizado para estimular a inovação dentro de uma empresa e pode envolver colaboradores internos, parceiros, clientes e outros *stakeholders*. Essas práticas têm se tornado mais comuns na atualidade, pois as empresas têm percebido o valor da colaboração e das trocas para otimizar a criação de produtos, processos, a redução de custos, conexão de oportunidades e novos negócios por meio da inovação aberta (Via – Estação Conhecimento, 2018).

Geralmente, os laboratórios de inovação utilizam metodologias diversas, como o *Design Thinking*, *Lean Startup*, *Scrum*, dentre outras, que são voltadas para a inovação ágil, a prototipagem rápida e a experimentação constante, com o objetivo de criar soluções que atendam às necessidades dos clientes

e do mercado. Esses laboratórios podem ter estruturas diferentes, portanto, não há um modelo padrão, variando de acordo com o tipo de inovação que se deseja promover, o tamanho da empresa responsável por sua criação, dentre outros fatores.

f) *Living labs*

O conceito de *Living Lab* surgiu na Europa, na década de 1990, e tem ganhado cada vez mais adeptos em todo o mundo, como uma estratégia eficiente para o desenvolvimento de soluções inovadoras e a promoção do empreendedorismo.

Isso decorre do fato de os *Living Labs* serem locais de experimentação, prototipagem e validação de soluções tecnológicas que permitem testar novas ideias e produtos em um ambiente real, com a participação dos usuários finais e outros atores envolvidos no processo. Esses laboratórios vivos são caracterizados pela colaboração e cocriação entre os diversos agentes. São uma estratégia importante para o desenvolvimento de soluções tecnológicas mais eficazes, eficientes e sustentáveis, bem como para o fortalecimento do ecossistema de inovação e empreendedorismo (Via – Estação Conhecimento, 2018).

g) *Venture Builder (VB) ou Fábrica de Startups*

Essas empresas geram empreendimentos e negócios a partir das ideias e dos recursos de seus líderes. Uma *VB* investe em múltiplas *startups* e cria uma equipe interna para ajudar no desenvolvimento dessas empresas, constituindo-se em uma forma recente de apoiar o empreendedorismo inovador, a qual rompe com os modelos mais comuns de investimentos.

Para acelerar o crescimento de uma *startup*, *VB's* se utilizam de ferramentas como consultorias, troca de experiências, *coworking*, mentorias, ajuda estratégica e investimentos. Ou seja, fornecem recursos, conhecimento e expertise em áreas como tecnologia, *marketing* e finanças.

De acordo com o Sebrae-MG (n.d.), uma *venture builder* desenvolve tudo isso a partir de seus próprios recursos e leva o desenvolvimento às equipes internas – ao contrário do que ocorre nas aceleradoras e incubadoras, que abrem espaço para pessoas e empresas externas.

A *VB* levanta capital, seleciona recursos humanos, desenha processos e modelos de negócios e oferece assessoria jurídica, além de contratar e executar as campanhas de *marketing* nas fases de pré e pós-lançamento de seus projetos (Sebrae-MG, n.d.).

2.3.2 - Dimensão das Áreas de Inovação (ou ecossistemas de inovação)

A segunda dimensão de *habitats* engloba as iniciativas definidas como áreas de inovação ou ecossistemas de inovação (MCTI, 2019), indicando possível confusão conceitual. A seguir, são descritos os *habitats* nela incluídos, a saber, os centros ou hubs de inovação, distritos, polos de inovação, parques científicos e/ou tecnológicos, além das cidades inteligentes (ou criativas/ sustentáveis, dentre outras denominações). Portanto, esta dimensão abarca *habitats* de maior complexidade.

a) Centros de Inovação

Tem como objetivo principal promover a inovação em uma determinada área ou setor, por meio da realização de pesquisas, desenvolvimento de tecnologias e serviços inovadores, podendo ser definido como

⁷ Inovação aberta (open innovation), termo cunhado por Henry Chesbrough, é uma abordagem de gestão que extrapola os limites de uma empresa, ao aproximar stakeholders (startups, empresas, academias e outras instituições de pesquisa e fomento) para potencializar os conhecimentos e desenvolver novas tecnologia de forma compartilhada (Chesbrough, n.d.).

(...) uma comunidade, física ou virtual, que aloca por períodos limitados possíveis empreendedores inovadores, startups ou projetos específicos de pesquisa e desenvolvimento (P&D) de empresas estabelecidas, onde o conhecimento é centralizado e voltado a cultura da inovação e do empreendedorismo, sobretudo para o desenvolvimento, prototipação, produção e comercialização de serviços, processos e produtos tecnológicos de alta qualidade focado na especialização inteligente da região (Via Museu, n.d.).

Os centros de inovação podem ser governamentais, empresariais ou acadêmicos. Geralmente possuem infraestrutura adequada, equipe de pesquisadores e profissionais qualificados para realizar pesquisas, desenvolver projetos e soluções inovadoras para problemas complexos e/ou demandas do mercado. Exemplos nesse sentido são os centros de inovação da IBM e 3M.

Segundo Teixeira (2021), os centros de inovação são ambientes propícios para o desenvolvimento de novos negócios e produtos, bem como para a disseminação do conhecimento científico e tecnológico. Esses espaços são capazes de promover a conexão entre empresas, universidades, centros de pesquisa e investidores, estimulando o surgimento de soluções inovadoras e o desenvolvimento socioeconômico do país.

b) Hubs de Inovação

Conexão é a palavra-chave para esses *habitats*.– Dessa forma, esses ambientes podem contribuir para simplificar a estruturação do negócio e estimular a cultura empreendedora. Os *hubs* de inovação conectam as diferentes partes do ecossistema e montam um grande quebra-cabeça. Portanto, servem, também, como um grande espaço de colaboração.

Além disso, podem propiciar o encontro entre empre-

empreendedores, startups, empresas e investidores, como também de universidades, instituições de fomento e prestadores de serviços públicos e privados focados em *startups* (Via Museu, n. d.).

A integração dos agentes do ecossistema de inovação nos *hubs* favorece o *networking*, os aprendizados e as trocas de conhecimento. Esses espaços, geralmente, oferecem infraestrutura compartilhada, como ambientes de *coworking*, salas de reunião, eventos e capacitações, dentre outras ações. Google e Microsoft possuem *hubs* para conectar *startups*.

c) Parques tecnológicos (e/ou científicos)

Como estruturas situadas nas dimensões político-econômicas, os parques tecnológicos integram políticas públicas criadas a partir de parcerias estratégicas, acolhendo uma comunidade empreendedora que atua em prol do desenvolvimento de novas empresas. Esses locais são criados para atrair talentos qualificados e com mentalidade empreendedora, negócios com potencial de crescimento e investimento e que demandam conhecimentos intensivos.

Esses *habitats* combinam um conjunto de ativos em vários âmbitos, como de infraestrutura, educacional, social, institucional, tecnológico, científico, além de serviços agregados, ampliando o desenvolvimento econômico e a prosperidade para o entorno (Iasp, 2022). Na Lei n. 13.243 (2016), que busca incentivar o desenvolvimento da CT&I, os parques científicos e tecnológicos são definidos da seguinte forma:

(...) um complexo planejado de desenvolvimento empresarial e tecnológico, promotor da cultura de inovação, da competitividade industrial, da capacitação empresarial e da promoção de sinergias em atividades de pesquisa científica, de desenvolvimento tecnológico e de inovação, entre empresas e uma ou mais ICT's (Instituto de Ciência e Tecnologia), com ou sem vínculo entre si.

Segundo o grupo de pesquisa Via do Conhecimento (Via – Estação Conhecimento, 2018), as definições para esses *habitats* são diversificadas, variando também de acordo com as vivências práticas neles existentes. Desse modo, podem ser chamados de parques científicos, tecnológicos, científicos e tecnológicos, de inovação ou de pesquisa.

Esses espaços agregam profissionais que estimulam o empreendedorismo, a cultura da inovação a conexão entre atores, além de construir fluxos de conhecimento e tecnologia entre si – isso acontece sobretudo entre as universidades e os centros de pesquisa e tecnologias –, com o intuito de ampliar o crescimento e a competitividade dos negócios (Teixeira & Teixeira, 2018).

d) Distrito (ou Polo) de Inovação

No espaço urbano, há grandes desafios ambientais e estruturais. Os distritos de inovação contribuem para confrontar os problemas, ao mesmo tempo que ajudam a criar alternativas para melhor utilização dos espaços das cidades, contribuindo para que esta se desenvolva do ponto de vista econômico. Todavia, a ausência de planejamento e o crescimento desequilibrado tornaram-se fatores insustentáveis ao longo dos anos.

Surge daí a necessidade de se ressignificar a maneira como se desenvolve um local, considerando alternativas para as pessoas trabalharem e viverem com mais qualidade. A condição fundamental é a atuação da tríplice hélice (governo, empresas e academia), uma vez que é necessário encontrar alternativas para revitalizar áreas degradadas e somar ações em inovação que estejam direcionadas ao alcance do desenvolvimento sustentável (Ramos et al., 2018).

e) Cidades inteligentes (ou Criativas/Sustentáveis)

A discussão sobre as cidades tem ganhado notoriedade, considerando a intensa concentração popula-

cional nesses locais. A Organização das Nações Unidas (ONU, 2023) tem as cidades como o 11º dentre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável do milênio para o Brasil. A ONU faz um apelo global no sentido de “tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis”, garantindo habitação segura e adequada para as pessoas, acesso a um sistema de transporte seguro e sustentável, reduzir o impacto ambiental negativo, dentre outras ações.

Essa pauta tem despertado muitas cidades pelo mundo para a necessidade de buscar novas possibilidades para oferecer mais qualidade de vida e eficiência em diversos aspectos. A partir de conceitos diversos, as cidades podem ser categorizadas dentro de algumas tipologias, que as definem como “inteligentes”, “digitais”, “criativas” ou “sustentáveis”.

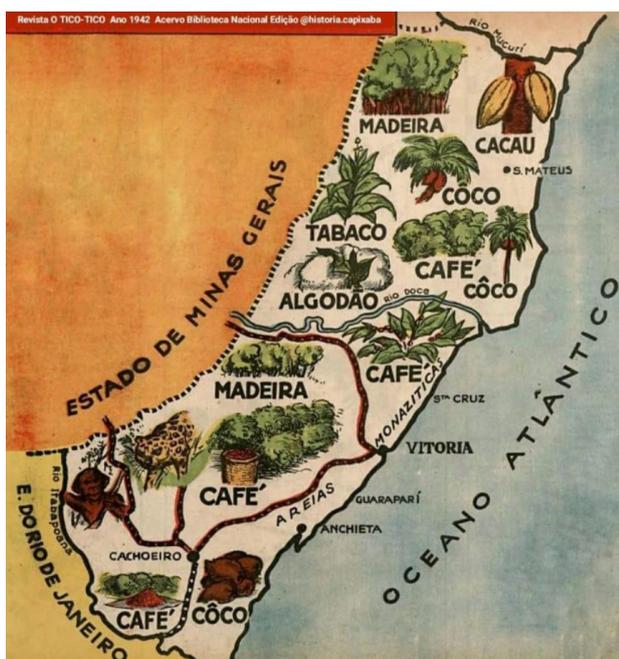
As cidades são avaliadas sob diversos aspectos, tais como economia, governança, meio ambiente, cultura, saúde, educação, energia, empreendedorismo. Os resultados contribuem para a elaboração de *rankings*, considerados instrumentos para ajudar a desenvolver os espaços urbanos (Athié, 2020).

No Brasil, há o “Ranking Connected Smart Cities”. Internacionalmente, há *rankings* mais abrangentes, que conectam cidades de todos os continentes como o “Ranking Smart 21 Communities”, “IESE – Cities in motion” e o mais antigo deles, o “European Smart Cities”, que classifica somente as cidades europeias.

As tecnologias da informação são aliadas na transformação de espaços urbanos em cidades inteligentes, criativas ou sustentáveis, mas não são a condição primeira para garantir que as pessoas exerçam o seu protagonismo, participando ativamente da construção do futuro que almejam.

3 – BREVE CONTEXTO DO ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Em termos econômicos e sociais, até meados do século passado, o Espírito Santo estava alicerçado basicamente sobre a agricultura. O café teve seu papel de destaque entre as culturas, mas entre os anos de 1950 e 1960 houve um declínio considerável em sua produção. À época, foi iniciado o processo de industrialização, com a implantação de grandes projetos, dando início a uma nova fase da economia (Loureiro, 2005).



Fonte: perfil@historia.capixaba - <https://www.instagram.com/historia.capixaba/>

Atualmente, as principais cadeias produtivas do Espírito Santo são a siderurgia e a mineração, sendo o maior exportador de pelotas de minério de ferro do mundo e também produtor de aço; petróleo e gás, estando no *ranking* dos maiores produtores brasileiros; celulose, com grande produtora de celulose branqueada de eucalipto, que atende aos mercados interno e externo, rochas ornamentais, com destaque para as grandes reservas com variados tipos e cores

de mármore e granito; moveleiro, com importante destaque no cenário nacional, dentre outros segmentos, como metalomecânico, construção civil, confecções, alimentos, dentre outros (Loureiro, 2005).

Em 2021, o Produto Interno Bruto (PIB) do Espírito Santo foi de R\$ 155,4 bilhões, o que representa 2,3% do PIB brasileiro naquele ano. O setor de serviços é o que mais contribui para o PIB capixaba, com 71,3% do total, seguido pela indústria (25,3%) e agropecuária (3,4%), com destaque para a produção de café, mamão, banana, tomate e cacau. O comércio exterior é um importante exportador de produtos como minério de ferro, celulose e café (Gonçalves, 2022).

Em 2020, as exportações do estado somaram US\$ 5,3 bilhões, enquanto as importações foram de US\$ 1,6 bilhão. Em 2021, os setores que mais contrataram foram os de serviços, comércio e construção civil, quando a indústria capixaba cresceu acima da média nacional (4,9%, se comparada a 2020), enquanto o Brasil cresceu 3,9% (Gonçalves, 2022).

Dois fatores são relevantes para a economia capixaba: o primeiro é o limitado espaço geográfico de Vitória, sua capital, e o segundo se refere à necessidade de modernização da economia, já que as commodities possuem baixo valor agregado e tecnológico e a considerável arrecadação de impostos oriunda-se das grandes corporações (Brito, 2022).

Diante disso, o Espírito Santo vem buscando alternativas de dinamização econômica há algumas décadas, ao incentivar as oportunidades de negócios, emprego e renda por meio da ciência, tecnologia e inovação, em um movimento que ocorre de forma desigual em relação a outros estados brasileiros (Brito, 2022).

Para entender a razão dessa desigualdade, é importante situar o cenário mundial e brasileiro. Em nível global, os mecanismos de apoio ao empreendedorismo surgiram em contextos específicos nos Estados Unidos e na Inglaterra, em meados do século XX, a partir de eventos adversos que apresentaram impactos socioeconômicos significativos (Anprotec, 2019).

No Brasil, as primeiras incubadoras surgiram na década de 1980, em São Carlos e Campinas (SP), Florianópolis (SC), Campina Grande (PB) e no Rio de Janeiro, capital. Essas iniciativas estavam vinculadas a fundações de apoio à pesquisa e às políticas públicas, já associando o conceito de inovação aos negócios. Os laboratórios abertos surgiram nos anos 2000 e as aceleradoras, na primeira década deste século (Anprotec, 2019).

Embora esteja em ebulição no momento, a pauta da CT&I no Espírito Santo não é recente. Muitas ações foram iniciadas por atores visionários que vislumbravam o desenvolvimento do estado via ciência e tecnologia, desde o início dos anos de 1990, quando surgiu a primeira incubadora de base tecnológica, a já mencionada TecVitória, e o projeto de um parque tecnológico.

Sob a responsabilidade da Companhia de Desenvolvimento, Turismo e Inovação de Vitória, empresa pública que pertence à Prefeitura Municipal de Vitória, esse projeto tramita desde o início dos anos 1990, envolvendo discussões, estudos de viabilidade, negociações, definições de segmento de atuação e a construção do primeiro prédio, finalizada em 2020, batizado de Centro de Inovação. Em síntese, a história do parque, especificamente, seguiu tendo avanços e retrocessos ao longo das gestões administrativas e articulação dos atores envolvidos (Brito, 2022)

Ao lembrar esse processo durante a entrevista para este mapeamento, Garcia (2023), atualmente diretor de Inovação Tecnológica, vinculado à Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), comenta que a instituição começou a

se inserir nos movimentos de inovação nos anos 1990. Ainda não existia o MCTI, de modo que as iniciativas eram então coordenadas pelo CNPq, que direcionava os incentivos à pesquisa no Brasil. À época, foram criadas diversas políticas nacionais de incentivo à inovação.

O foco das políticas, naquele período, estava direcionado para o desenvolvimento de *software* para exportação, para o qual o Brasil foi identificado como de elevado potencial. Por isso, nos anos seguintes, a Softex, organização social civil de interesse público que promove a melhoria da competitividade da indústria brasileira de *software*, serviços de tecnologia e comunicações, passa a ser peça-chave desse processo. À época a criação dos empregos com informática estava sendo estimulada pela Política Nacional de Informática (Schneider, 2021).

Garcia (2023) lembra que, em 1995, foi lançado no Espírito Santo o Programa Geração de Novos Empreendimento em Software, Informação e Serviços (Genesis), do Governo Federal, no intuito de incentivar a geração de novos empreendimentos, softwares e serviços ligados à área de tecnologia da informação (TI). Naquele momento, outras cidades brasileiras, como Florianópolis, começaram a se mobilizar (Schneider 2021). A primeira ação no âmbito do Genesis foi a oferta de uma capacitação para professores das instituições de ensino técnico e superior em informática e áreas afins (CI-UFPE, n.d.), da qual participaram alguns professores da Ufes, dentre eles o Prof. Anilton Garcia.

Em seguida, conforme relatou Garcia (2023), foi incluída a disciplina “Empreendedorismo” no currículo dos cursos da área informática/tecnologia da informação da Ufes. Nela, acontecia a seleção e apresentação de projetos desenvolvidos pelos alunos para uma banca formada por empresários e representantes do poder público. Essa apresentação era realizada no auditório da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes) e, à época, ainda não se usava o termo *startup* para designar tais projetos,

termo que, no Brasil, passou a ser usado no fim dos anos 2000.

Em 1994, o CNPq realizou uma nova chamada, desta vez, para selecionar 12 projetos na área de informática/TI em todo o Brasil. Diante disso, o Prof. Anilton Garcia e o Prof. Francisco Negreiros, também da Ufes, iniciaram um processo de sensibilização do governo estadual, prefeitura, Fines, Sebrae e Faesa, instituição de ensino superior privada situada em Vitória, propondo a criação de um Centro Softex em Vitória, chamado Genevix (Garcia, 2023).

A atuação do Genevix baseava-se na descentralização. A começar pela Ufes, as instituições acadêmicas eram visitadas no sentido de identificar projetos elegíveis para a chamada do CNPq. Outro compromisso era estruturar uma incubadora para abrigar os projetos que fossem sendo criados, contexto no qual, em 1995, foi criada a TecVitória (Garcia, 2023).

Ainda conforme o relato de Garcia (2023), Álvaro Abreu, professor do Centro Tecnológico da Ufes, foi o “guru” que havia concebido e estruturado o projeto, a partir das experiências que havia acumulado trabalhando no Departamento de Assuntos Universitários, vinculado ao Ministério da Educação. Vários atores se juntaram para viabilizá-lo. Um prédio da Ufes, localizado em Maruípe, Vitória, no qual funcionava um laboratório do curso de Engenharia Mecânica da Ufes, foi cedido para iniciar a fundação da incubadora TecVitória, que permanece ativa até os dias de hoje.

Desse movimento, conforme contabiliza Garcia (2023), decorreu a criação de dezenas de empresas, como PicPay, fundada por alunos de Engenharia Elétrica da Ufes; Mogai; uma parte da ISH, considerada a maior empresa de cibersegurança do mundo; Qualidata; Vixteam; Nova Era; Etaure, dentre outras. Em 2023, essas empresas, muitas delas fundadas por ex-alunos da Ufes, contabilizavam mais de 20 anos de atuação no mercado. Outro exemplo é a empresa Lume Robotics, que possui *expertise* em inteligência artificial, visão computacional e robótica

autônoma, sendo um dos frutos do Laboratório de Computação de Alto Desempenho da Ufes (LCAD).

Em 2009, o LCAD começou a desenvolver pesquisa sobre veículos autônomos, graças à participação no Projeto Iara – Intelligent Autonomous Robotic Automobile. Em 2017, o Projeto Iara foi o pioneiro no hemisfério sul a realizar uma viagem de um carro autônomo por 74 km, no percurso de Vitória a Meaípe, em Guarapari (ES), em condição de trânsito consideradas normal, passando por ruas, avenidas e rodovias (I2CA, n.d.).

A universidade, assim, configura-se como um relevante celeiro de inovações, as chamadas startups científicas ou *deeptechs* (Wylinka, 2019). O fato de tantos projetos bem-sucedidos terem origem com o conhecimento adquirido por seus alunos sublinha a relevância dessa instituição como uma das hélices do processo de fomento à inovação. O mesmo pode ser dito em relação à mobilização de tantos atores em torno do projeto Genevix.

Como decisão institucional voltada às ações de inovação e empreendedorismo, a Ufes direcionou seus esforços para a estruturação e crescimento dos programas de pós-graduação (mestrado e doutorado), por acreditar que a pesquisa científica é o caminho para inovar (Garcia, 2023).

Nessa perspectiva, Garcia (2023) pontua que os laboratórios de pesquisa devem ser os grandes geradores de inovação nos processos acadêmicos, com as chamadas *spin-offs* acadêmicas. Atualmente, a aproximação entre universidades e mercado é tida como um dos principais desafios para a inovação no Brasil (Rosa & Lira, 2020).

Garcia (2023) explicou que, após o período de surgimento dos diversos projetos mencionados, a Ufes entendeu que o desenvolvimento da inovação dependia, fundamentalmente, da estruturação de programas de pós-graduação, com bolsistas de produtividade. Em 2023, a universidade contava com dezenas desses programas. Para ele, os esfor-

ços empreendidos nesse sentido, aliados a outras iniciativas, permitiram que o ecossistema de inovação no Espírito Santo vivenciasse a efervescência nesses primeiros anos da década de 2020.

Garcia (2023) salienta que, em 2019, o então reitor da Ufes, Reinaldo Centoducatte, sugeriu redirecionar as ações, por exemplo, estimulando a criação de patentes e sua transformação em produtos a serem disponibilizados para o mercado. Tais ações estão sob a responsabilidade da Diretoria de Inovação Tecnológica, cujo papel é incorporar a inovação à política institucional da Ufes.

Outras instituições acadêmicas do Espírito Santo têm em seu percurso iniciativas voltadas à inovação. Em algumas, como é o caso do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), esse percurso é mais longo, visto que o instituto encabeça diversas iniciativas. Tais iniciativas se ampliaram, sobretudo, com a transformação, em 2008, do então Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Com isso, o Ifes não apenas se dedica à Educação Básica e Profissional, como também à graduação e pós-graduação, níveis em que a pesquisa é atividade fundamental, o que implica uma contribuição mais intensa ao campo da inovação.

Uma abordagem mais ampliada sobre essas ações, projetos e programas das academias pode ser pauta de novas pesquisas, visto que contribuirá para ampliar a percepção dos esforços em prol do ecossistema e dos projetos em desenvolvimento nas universidades, as quais, reiteramos, configuram-se como importantes atores no processo de inovação.

É válido ressaltar que Vitória se tornou a primeira cidade brasileira a ter uma lei de inovação em vigor (Conde, 2010; Freitas, 2019; Oliveira et al., 2019), o que não colaborou para os inúmeros desafios para o desenvolvimento de alguns projetos no ecossistema capixaba. Trata-se da Lei Complementar de Inovação Estadual n. 642 (2012), que estabelece medidas

de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, visando à capacitação, ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento industrial do Estado. O crescimento das iniciativas do ecossistema capixaba tem ocorrido também pela criação de novos ambientes, principalmente nos últimos anos, como veremos no capítulo a seguir.

4 - TIPOLOGIAS E LOCALIZAÇÃO DOS HABITATS MAPEADOS

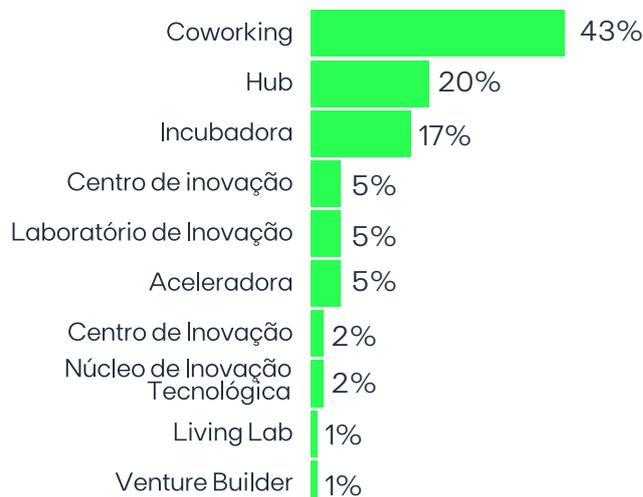
Neste capítulo, inicialmente, apresentamos a quantidade de *habitats* identificados no Espírito Santo, a concentração pela capital e interior, como também por região. Na sequência, indicamos a localização dos *habitats* por cada tipologia descrita no capítulo anterior, identificando sua vinculação. Por fim, um mapa geral reúne todos os ambientes identificados, o qual permite melhor observar sua distribuição e agrupamentos.

O mapeamento do ecossistema de inovação permite diagnosticar a realidade da região e gerar *insights* que melhoram a compreensão dos ativos locais e os desafios regionais para a construção comum da visão de futuro em cada contexto (Lasmar et al., 2019). Além disso, poderá ser um dos elementos de orientação com vistas à ativação e orquestração do ecossistema, uma vez que a compreensão sobre as propostas de valor e entregas de cada ambiente pode estimular as conexões e ajudar a melhor definir seus papéis, que precisam ser complementares.

Considerando o número total de municípios que compõem o Espírito Santo (78), identificamos *habitats* de inovação ou iniciativas em processo de implementação em 16 deles, ou seja, em 20,51%.

Foram encontrados 108 *habitats* no Estado, dos quais 15 estão em processo de implantação, ou seja, 13,8%. No conjunto total também estão incluídos os *coworking*, os quais, conforme mencionamos, foram contabilizados, mas não foram considerados na etapa das entrevistas, pelo fato de estarem atuando principalmente como ambiente compartilhado de trabalho – em via distinta da que a literatura define para esses ambientes.

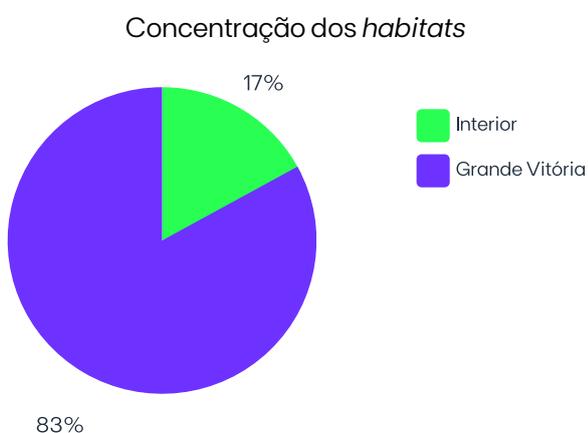
Tipologias dos *habitats* de inovação do Espírito Santo



No que tange à concentração, 82,4% dos *habitats* do Espírito Santo estão sediados na Região Metropolitana da Grande Vitória (Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Fundão, Viana e Guarapari), sendo que a maior parte (52,7%) se situa em Vitória, 29,3% está em outras cidades que compõem a Grande Vitória e 17,4% têm sede no interior, refletindo dados obtidos em levantamento feito pelo Sebrae-ES em 2021 (Brito, 2022).

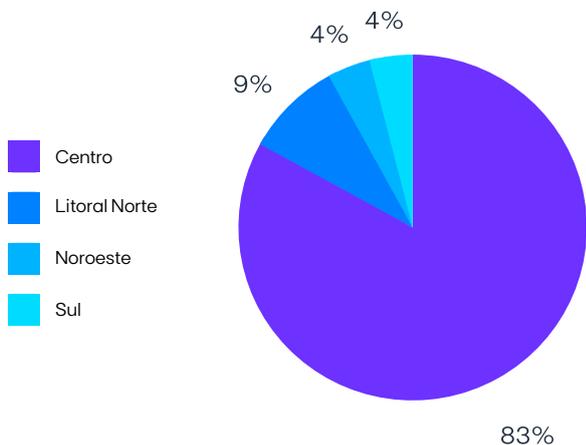
Localidade	Quantitativo de habitats de inovação (n)	Concentração %
Vitória	57	52,7
Grande Vitória (todos os municípios)	89	82,47
Grande Vitória (exceto Vitória)	32	29,36
Interior	19	17,44
Total de habitats		108

Apesar de ainda ser tímido, o percentual de *habitats* no interior do estado cresceu, em função do incentivo decorrente da articulação de atores, criação de programas e políticas públicas. Além disso, houve descentralização desses ambientes: se no mapeamento realizado pelo Sebrae em 2011 56% dos *habitats* estavam concentrados em Vitória (Brito, 2022), esse percentual, conforme a tabela acima, foi reduzido, alcançando os demais municípios, inclusive no interior.



Com um olhar sobre as quatro mesorregiões do Espírito Santo, os *habitats* estão distribuídos da seguinte forma: Central Espírito-Santense (82,24%), Litoral Norte Espírito-Santense (4,76%), Noroeste Espírito-Santense (9,34%) e Sul Espírito-Santense (3,73%).

Distribuição dos *habitats* por mesoregião



É importante lembrar que, conceitualmente, *habitats* são parte integrante de um ecossistema. Muitas instituições e iniciativas públicas e privadas podem não ter sido citadas no mapeamento, justamente porque participam do ecossistema de inovação em outra hélice. O governo do estado, por exemplo, possui diversas iniciativas e programas, além de atuar em parceria com instituições de fomento à inovação, por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes). Assim, neste mapeamento, foram inseridos os *habitats* a ele vinculados, como as incubadoras Insight, de Vila Velha, e Prosperas, de João Neiva, que são iniciativas no âmbito da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação Profissional (Sectides).

Algumas instituições foram mapeadas como ambiente promotor de inovação pelo papel que vêm cumprindo em sua trajetória. É o caso da Action, antigo Sindicato das Empresas de Tecnologia (Sindinfo), que possui um papel estratégico em diversas articulações ao longo dos anos, mas, de acordo com a literatura que norteou este mapeamento, não é considerado um habitat de inovação.

De toda forma, para facilitar a compreensão e sua respectiva atuação, algumas dessas instituições estão listadas na tabela a seguir, de acordo com o modelo das sete hélices.

As sete hélices da inovação exemplificadas com os atores do ecossistema do Espírito Santo

Hélices de inovação		Descrição	Alguns atores / iniciativas
1	Atores de conhecimento	Instituições de Ensino Superior públicas e privadas dedicadas à capacitação de talentos e processos vinculados à pesquisa básica e aplicada, além de programas de extensão que atendem à comunidade.	UFES
			IFES
			UVV
			FAESA
			UNISALES
			MULTIVIX
			SENAI
2	Atores públicos	Responsáveis por promover programas, regulamentos, políticas e incentivos para o nascimento, crescimento e investimento em empresas, além de articular a geração da inovação.	Governo do estado, por meio da Sectides, com os programas Centelha, Seeds e PibicJr, Aderes.
			Governos municipais
3	Atores empresariais	Empresas e <i>startups</i> que se conectam para solucionar desafios, por meio de programas de incentivo ao empreendedorismo e à inovação aberta.	<i>Startups</i> e empresas de todos os portes e segmentos.
4	Atores de habitats de inovação	Geram espaços propícios para que o empreendedorismo e a inovação aconteçam.	São o foco deste mapeamento (aceleradoras, incubadoras, <i>living lab</i> etc.).
5	Atores de fomento	Bancos e fundações de amparo, investidores anjo, programa <i>Seeds</i> ou de risco. Podem ou não fornecer recursos reembolsáveis.	Bandes
			Fapes
			Investidores anjo e fundos
			Apex Partners
			Start You Up
6	Atores institucionais	Atuam para apoiar interesses distintos. Podem ser organizações públicas ou privadas que representam atores ou classe de atores.	Growth Ventures
			Sebrae
			Action
			MCI
			Ases
			Messes
			Assevila
			Cetemag
CDMEC			
7	Atores da sociedade civil	São pessoas que influenciam os negócios e impactam no desenvolvimento da inovação como voluntários, animadores e entusiastas. Também inclui as ONGs conectadas ao ecossistema.	Sindirochas
			Apoiadores que realizam bootcamps e outros eventos de incentivo ao empreendedorismo inovador, atores que apoiam a articulação de programas e projetos para o desenvolvimento das pessoas e da economia do estado.

Outros dois atores, ligados à comunicação e à prestação de serviços, são citados na literatura científica. Considerando sua relevância para impulsionar o

ecossistema de inovação, optamos por apresentá-los neste mapeamento.

Hélices “Comunicação” e “Prestação de serviços” no ecossistema do Espírito Santo

Hélices de Inovação		Descrição	Alguns atores / Iniciativas
1	Atores de comunicação	São fundamentais para contribuir com a divulgação sobre a ciência, tecnologia e inovação e apoiar o alinhamento estratégico do ecossistema de inovação como política pública, com foco no desenvolvimento do Espírito Santo. São fundamentais, pois os temas referentes à inovação são complexos e pedem uma simplificação e unificação do discurso. São atores importantes no processo de divulgação dos programas, editais de fomento à inovação e as diversas iniciativas dos atores do ecossistema. Os canais dos demais atores também são fundamentais para pulverizar as informações.	Estúdio 360º – Portal de notícias da TV Capixaba, e Programa Inovação, na Band News FM, com Evandro Milet
			Blog “O novo normal”, com Evandro Milet
			CBN Inovação e Empreendedorismo, com Leonardo Carraretto
			WhitepaperDocs.com
			Enjoy Cast, da Enjoy Work
			Podcast Inovação com Y, da Azys Inovação
2	Atores de prestação de serviço	São atores fortemente envolvidos com o ecossistema, que, além de entregar serviços relacionados às temáticas, dão relevante apoio ao debate sobre a inovação. São empresas que encabeçam iniciativas, contribuem com a capacitação de pessoas, articulam os diálogos entre atores dentro e fora do estado, realizam e apoiam eventos e outras iniciativas.	Mundo Business, na Rede Vitória, com Ricardo Frizera
			Global Touch
			Wis
			Fluyd
			Aevo
			Brooder
			Valfre Advogados
			Barcelos Martins
			Tegrus
			Bbutton
Bee Consultoria			

4.1 – Habitats de Inovação Incluídos nas Entrevistas

A definição da literatura para as tipologias dos ambientes pode não coincidir exatamente com o que se encontra nos *habitats* locais, uma vez que o posicionamento destes é identificado pela gestão de cada ambiente. Além disso, os conceitos estão em constante transformação, assim como os próprios *habitats*. No Anexo 1, encontra-se a descrição dos *habitats* de inovação do Espírito Santo, organizados na mesma ordem das categorias aqui apresentadas.

Em 2021, o Sebrae-ES realizou um levantamento inicial dos *habitats* de inovação existentes e, em parceria com a Anprotec, promoveu capacitações para apoiá-los na criação de alternativas à sua sustentabilidade por meio da criação de produtos e processos. À época, o estado possuía em torno de 45

ambientes de inovação (*aceleradoras, coworking, hubs corporates, incubadoras, núcleos de inovação tecnológica e corporate ventures*).

Excluindo-se os *coworking* pelos motivos já apresentados, identificamos no Espírito Santo 62 *habitats* em diversas categorias, distribuídos conforme o gráfico a seguir. Desses, 7 não participaram das etapas da entrevista, sobretudo pelo não retorno em tempo hábil ou pela etapa em que o projeto se encontrava.

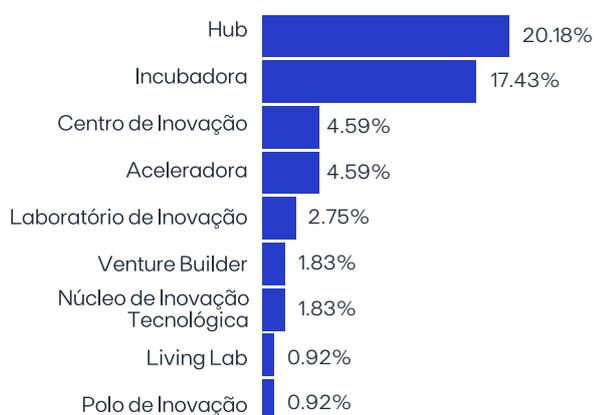
Além disso, as 13 incubadoras e o NIT-Ilfes foram, na etapa de entrevistas, representados pelo gestor da Agifes. Também foi entrevistado o gestor da Cidade da Inovação, outro *habitat* do Ifes.

No caso da Ufes, a instituição também foi contabilizada em várias tipologias (NIT, incubadora e living lab), sendo entrevistados 2 gestores de *habitats*,

pele fato de, posteriormente, ter sido identificado o *living lab* vinculado à universidade.

Reiteramos que, ao todo, foram realizadas 56 entrevistas com atores de diversas hélices e, destes, somente os representantes de *habitats* (40) foram considerados na análise dos dados (os demais estão listados no Anexo 2).

Distribuição dos *habitats* de inovação do Espírito Santo (exceto *coworking*)



Os representantes da maioria dos *habitats* participaram da etapa das entrevistas (Anexo 2). Alguns deles não foram incluídos por motivos distintos (por exemplo, ausência de retorno em tempo hábil), mas foram contabilizados na tabela geral dos *habitats* (Anexo 1).

A apresentação obedece à mesma ordem seguida no capítulo conceitual. Assim, primeiro são apresentados os *habitats* da dimensão mecanismos de geração de empreendimento (incubadoras, aceleradoras, *coworking*) e, na sequência, os da dimensão que engloba as áreas ou ecossistemas de inovação (distritos, polos tecnológicos, parques científicos e/ou tecnológicos, centros de inovação e *hubs*).

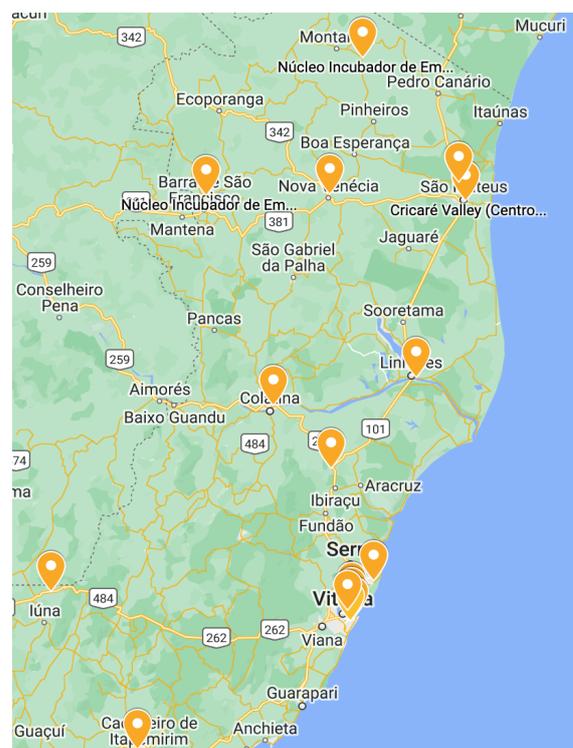
4.2- Mecanismos de Geração de Empreendimentos mapeados no Espírito Santo

a) Incubadoras

No Espírito Santo, foram mapeadas 19 incubadoras, sendo 8 na Grande Vitória e 11 no interior. Nesta categoria, notamos que os Núcleos Incubadores do Ifes

formam uma rede de ambientes de estímulo ao empreendedorismo inovador, presente em 13 municípios. Destes, 3 núcleos estão em implantação (nas cidades de Barra de São Francisco, Ibatiba e Montanha), sendo todos geridos pela Agifes.

Localização das incubadoras no Espírito Santo



Fonte: intervenção baseada no Google Maps

Incubadora	Vinculação	Cidade
Polo Zaia	Faculdade UCL	Serra
Incubadora Insight	Governo Estadual	Vila Velha
Prosperas Incubadora	Governo Estadual	João Neiva
Espaço Empreendedor	Ufes	Vitória
Cricaré Valley	Centro Universitário Vale do Cricaré	São Mateus
TecVitória	Atores diversos	Vitória
Núcleos Incubadores de Empreendimentos do Ifes	Ifes	Vitória, Serra, Vila Velha, Montanha, São Mateus, Nova Venécia, Colatina, Barra de São Francisco, Linhares, Cachoeiro de Itapemirim, Ibatiba, Venda Nova do Imigrante e Itapina

b) Aceleradoras

No Espírito Santo, foram mapeadas 5 aceleradoras, concentradas em Vitória, mas há 1 no interior em fase de implementação. A distribuição desses *habitats* se dá conforme o mapa a seguir.

Localização das aceleradoras no Espírito Santo



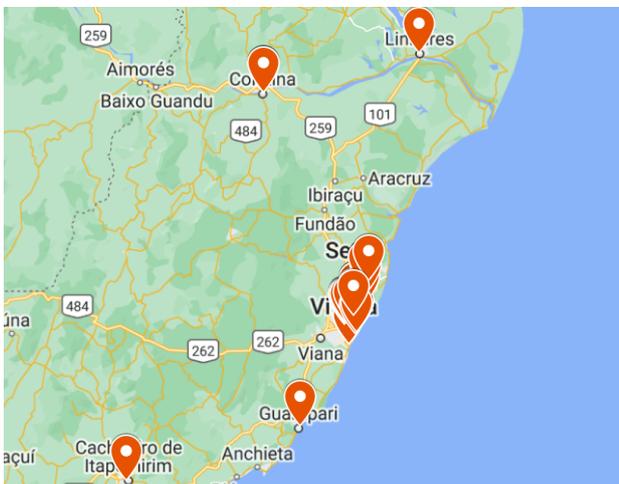
Fonte: intervenção baseada no Google Maps

Aceleradora	Vinculação	Cidade
Azys Inovação	-	Vitória
Platt	Governo Estadual	Vitória
MilSênior	Governo Estadual	Vitória
Stars Aceleradora	Ufes	Vitória
Fire Aceleradora	-	Linhares

c) Coworking

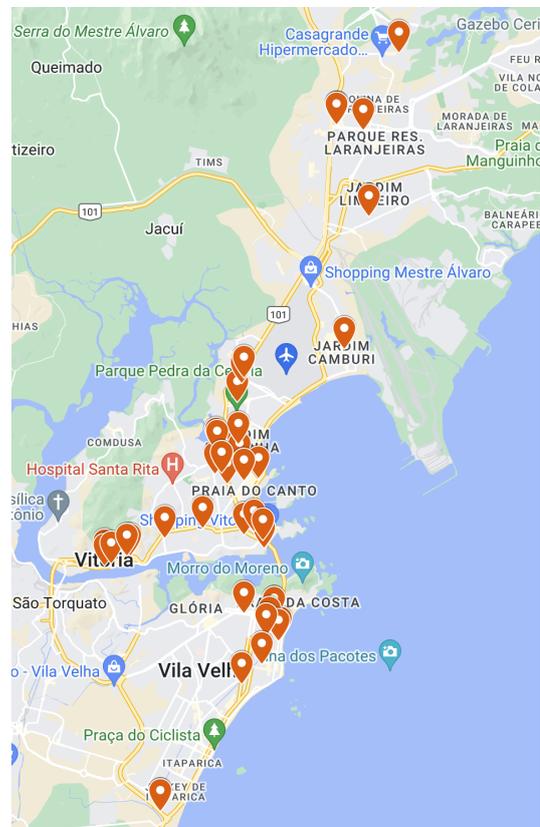
No Espírito Santo, foram encontrados 47 *coworking*, sendo 44 localizados na Grande Vitória e 3 no interior do estado, como dito, com pouca ou nenhuma interação com o ecossistema, embora acolham iniciativas ou sediarem eventos.

Localização dos coworking no Espírito Santo



Fonte: intervenção baseada no Google Maps

Para melhor visualização da localização desses habitats metropolitanos, o mapa a seguir foi ampliado para a Região da Grande Vitória.



Fonte: intervenção baseada no Google Maps

d) Núcleo de Inovação Tecnológica

Identificamos dois NIT's, que fazem parte da estrutura da Ufes e do Ifes.

Localização dos NIT's no Espírito Santo



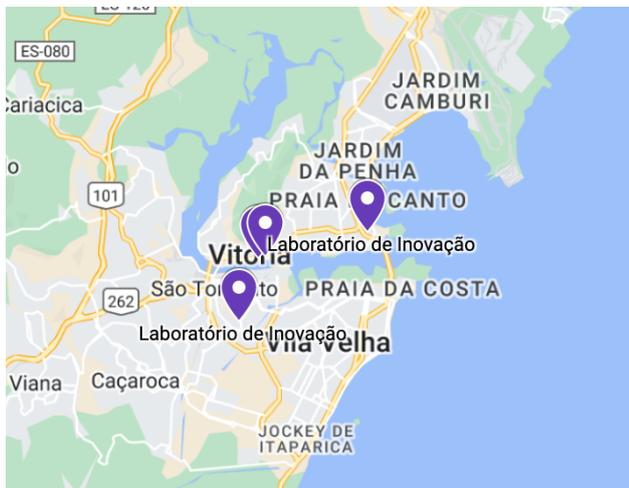
Fonte: intervenção baseada no Google Maps

NIT's	Vinculação	Cidade
Agência de Inovação	Ifes	Vitória
Instituto de Inovação Tecnológica	Ufes	Vitória

e) Laboratório de Inovação

Localizamos 4 laboratórios, sendo 3 em operação (1 público e 2 privados) e 1 em implementação (OAB Lab).

Localização dos laboratórios de inovação no Espírito Santo



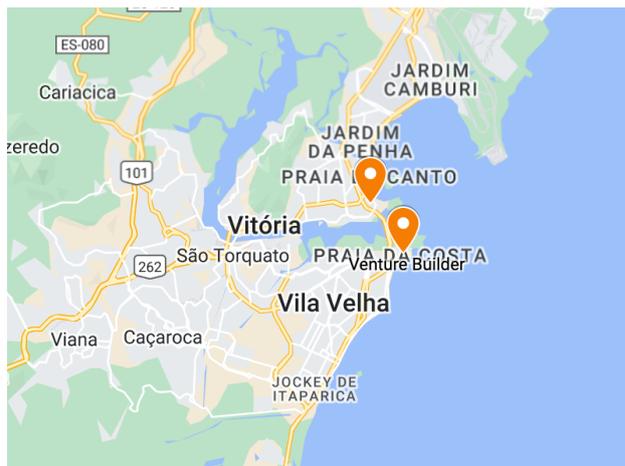
Fonte: intervenção baseada na Google Maps

Laboratório de Inovação	Vinculação	Cidade
Vix Labs	Grupo Águia Branca	Vitória
LabGes	Governo do estado	Vitória
Evangélico Lab	Hospital Evangélico	Vila Velha
OAB Lab	Ordem dos Advogados do Brasil - ES	Vitória

g) Venture Builder

Identificamos 2 *venture builds*, que também atuam (ou atuarão) como *venture capital*: Growth Ventures e UVV HighLine, sendo que, nesta, o modelo de negócio está em implementação.

Localização das *venture builds* do Espírito Santo



Fonte: intervenção baseada na Google Maps

Venture Builder	Vinculação	Cidade
Growth Ventures	Grupo de empresas e investidores	Vitória
UVV HighLine	Universidade de Vila Velha	Vitória

f) Living lab

O LabTar foi o único *living lab* identificado no Espírito Santo.

Localização do único *living lab* do Espírito Santo



Fonte: intervenção baseada na Google Maps

Living Lab	Vinculação	Cidade
LabTar	Ufes	Vitória

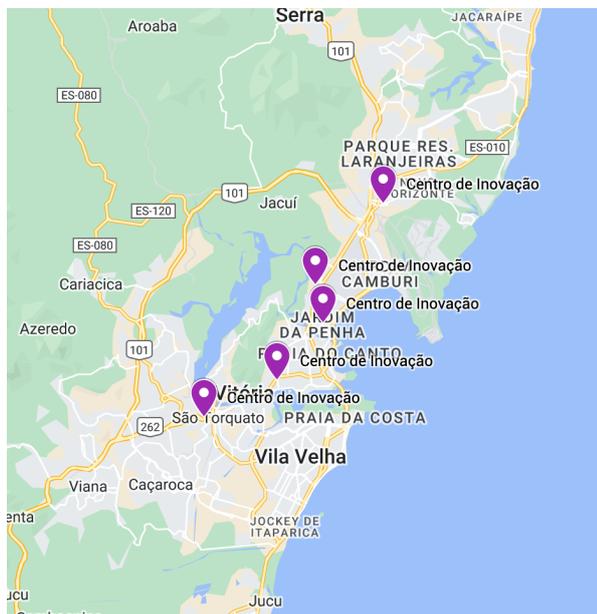
4.3- Áreas de Inovação ou Ecossistemas de Inovação Mapeados no Espírito Santo

Vimos que a segunda dimensão da inovação engloba as iniciativas definidas como áreas de inovação ou ecossistemas de inovação (MCTI, 2019). Nela estão incluídos centros de inovação, *hubs*, distritos, polos tecnológicos e parques científicos e/ou tecnológicos. A seguir, identificamos os *habitats* dessas tipologias, localizando-os no mapa do Espírito Santo.

a) Centros de Inovação

Mapeamos cinco Centros de Inovação no Estado, dos quais 4 estão em Vitória e 1 no município da Serra.

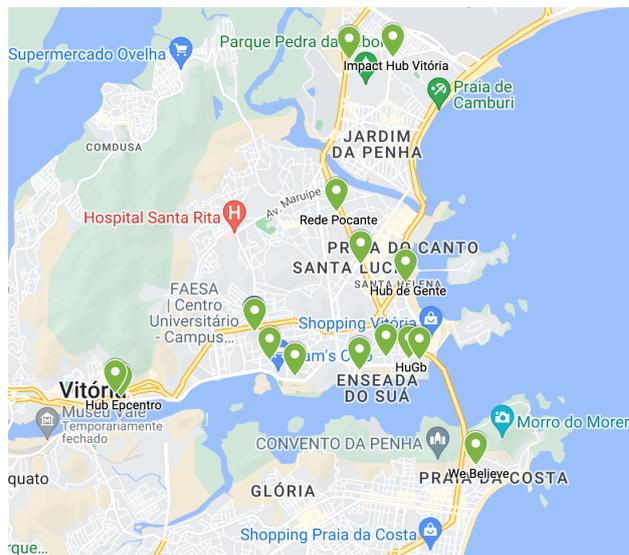
Localização dos centros de inovação do Espírito Santo



Fonte: intervenção baseada no Google Maps

Centros de Inovação	Vinculação	Cidade
Centro de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento	Governo do estado, Ufes, Ifes e outros atores	Vitória
Ino.VC	ArcelorMittal Tubarão	Serra
Cidade da Inovação	Ifes	Vitória
Fábrica de Ideias	Governo municipal	Vitória
Centro de Inovação do Parque Tecnológico de Vitória	Governo municipal	Vitória

Localização dos hubs do Espírito Santo



Fonte: intervenção baseada no Google Maps

Hubs	Vinculação	Cidade
Enjoy Work	Conglomerado de empresas	Serra
We Believe	Independente	Vila Velha
Sebrae Lab	Sebrae	Vitória
Hub Epcentro	Bandes e outros órgãos do governo do estado	Vitória
Fonte Hub	Rede Gazeta	Vitória
HuGb	Grupo Buaiz	Vitória
Hub Base 27	Conglomerado de empresas	Vitória
Findes Lab	Findes	Vitória
Hub da Vale	Vale	Vitória
MOV.IE	Faesa	Vitória
BanesHub	Banestes	Vitória
Impact Hub Vitória	Impact Hub	Vitória
Hub de Gente	Conglomerado de empresas	Vitória
Hub Senac	Senac	Vitória
Hub ES + Criativo	Governo do estado	Vitória
Rede Pocante	Independente	Vitória
Hub da Saúde	Apex	Vitória
Hub Fucape	Fucape Business School	Vitória
Bússola Hub	Várias empresas	São Mateus
Barracão do Futuro	Governo municipal, Sebrae, Bbutton e outros atores	Colatina
Espírito Hub	Conglomerado de empresas	Linhares
Distrito 28	Movimento Empresarial Sul Espírito Santo (Messes), Ifes, Centrorochas, Sindirochas, Cetemag e outros atores	Linhares

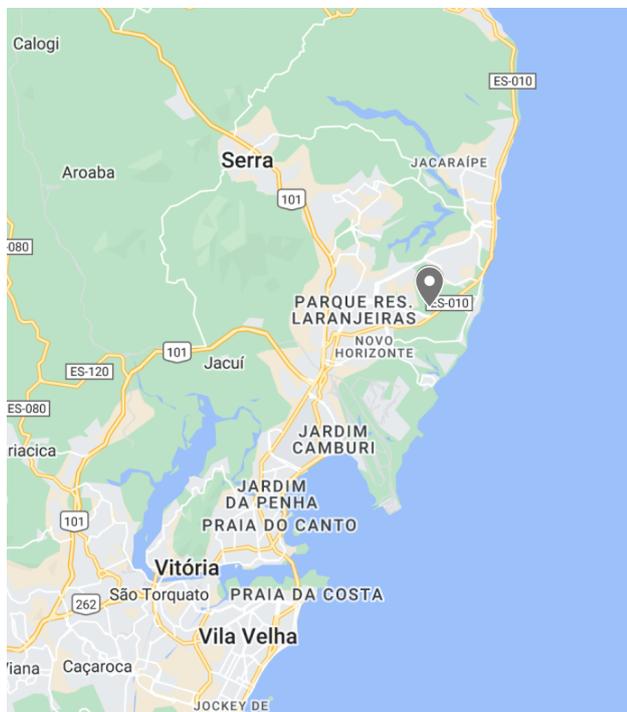
b) Hubs

O quantitativo de hubs no Espírito Santo cresceu principalmente a partir de 2020. São 22 hubs mapeados no estado, a maioria concentrada em Vitória. Os hubs de Colatina e Cachoeiro do Itapemirim estão em fase de implementação, com o apoio de vários atores do ecossistema de inovação do Espírito Santo.

c) Distritos ou Polos de Inovação

Somente 1 *habitat* foi identificado nessa categoria no Espírito Santo, conforme o mapa a seguir

Localização do único distrito de inovação do Espírito Santo



Fonte: intervenção baseada no Google Maps

Distritos ou Polos de Inovação	Vinculação	Cidade
Polo Inova Serra	Governo municipal, Sectides, Associação dos Empresários da Serra (Ases), Ifes, dentre outros atores	Vitória

d) Parque Tecnológico/Científico

Em relação à categoria Parque Tecnológico/Científico, em Vitória, conforme já mencionado, o projeto está em pauta desde o início dos anos 1990. Assim sendo, mapeamos o Centro de Inovação a ele vinculado, que é considerado o “coração” de um parque. A construção do prédio foi concluída em 2020, com recursos do MCTI e, em 2023, o empreendimento passou a abrigar a Companhia de Desenvolvimento, Turismo e Inovação de Vitória, empresa pública que pertence à Prefeitura Municipal de Vitória.

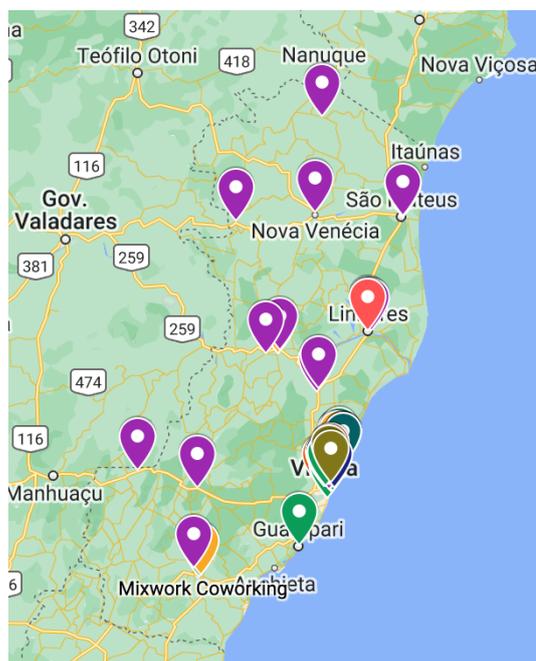
e) Cidades Inteligentes

A categoria Cidades Inteligentes (ou inovadoras, criativas, dentre outras nomenclaturas) não foi identificada como um projeto ou política pública explícita, embora a pauta tenha sido ventilada em várias oportunidades na capital, sobretudo quando Vitória foi identificada como cidade inteligente em alguns *rankings*. Em 2022, a capital capixaba apareceu no *ranking* “Connected Smart Cities” como segunda colocada entre as cidades de 100 a 500 mil habitantes e em sétima posição na avaliação geral (Amaral, 2022).

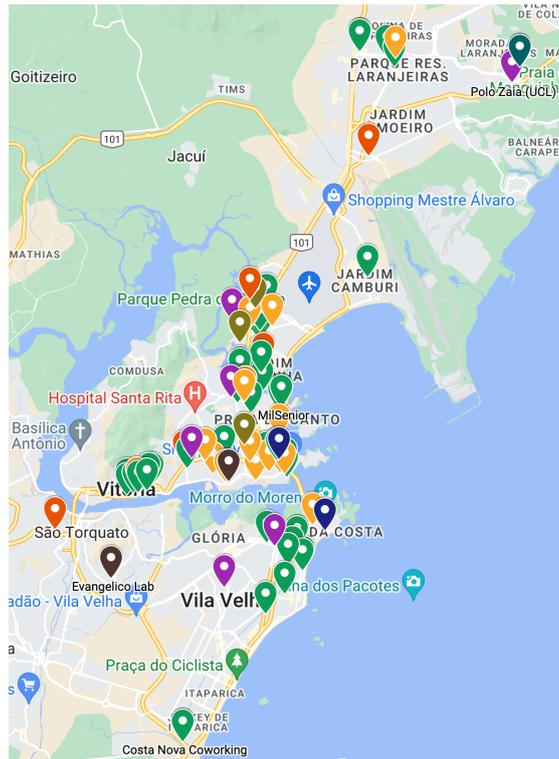
Recentemente, o governo estadual trouxe o tema novamente, ao realizar a Feira de Cidades Inteligentes (Feira InovaES), que reuniu especialistas, *startups* como a Moremais Tech (empresa de construção sustentável), Endelevo (construtech de impacto socioambiental que atua com construções mais sustentáveis) e a ECO55 (um *hub* para empresas brasileiras se conectarem à economia limpa), sendo as duas últimas do Espírito Santo.

A distribuição dos 108 *habitats* de inovação, incluindo os *coworkings*, identificados no Espírito Santo está representada no mapa a seguir.

Localização dos *habitats* mapeados no Espírito Santo

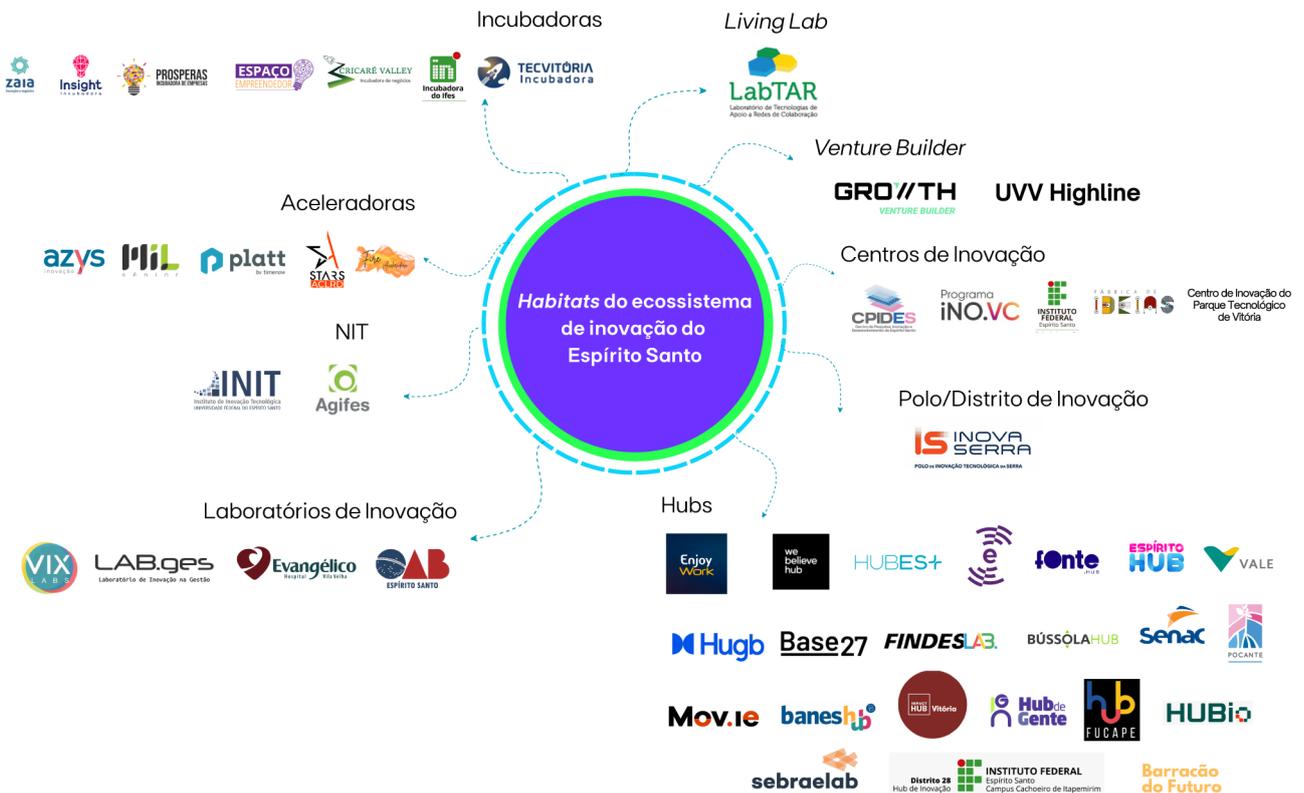


Fonte: intervenção baseada no Google Maps



Fonte: intervenção baseada no Google Maps

No infográfico a seguir, os habitats de inovação estão organizados por categorias, desta vez, com suas respectivas logomarcas.



4.4 - Características e Estratégias de Inserção dos Habitats & Percepção dos Gestores sobre o Ecossistema

Esta seção trata, apresenta e analisa os dados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os representantes dos *habitats* de inovação, a fim de descrever as características estruturais dos ambientes de inovação no estágio em que os ambientes se encontravam no primeiro trimestre de 2023, suas estratégias de inserção e colaboração nas redes de Ambientes Promotores de Inovação para o desenvolvimento de empreendedores, projetos e novos negócios. Ainda, são identificadas as percepções dos gestores dos *habitats* sobre o ecossistema de inovação capixaba e perspectivas futuras sobre sua atuação e desenvolvimento.

4.4.1 - Características Gerais dos Habitats

A seguir, os *habitats* são caracterizados quanto ao tempo de fundação, natureza jurídica, posicionamento e público principal.

Em relação ao tempo de fundação, 57% dos *habitats* têm de 1 a 5 anos de atuação. Embora a pauta de CT&I não seja nova no Espírito Santo, a maioria dos *habitats* foi constituída a partir de 2020, quando ocorreu o “boom dos *hubs*” e 11% está em fase de implantação. Apenas 2% têm mais de 20 anos, sendo que o movimento em torno do tema começou nos anos 1990, estando, todavia, mais restrito a alguns atores e instituições no início.



A natureza jurídica da maioria dos *habitats* não é independente, estando, como indicado nas tabelas apresentadas no capítulo anterior, vinculados a uma instituição principal, sendo que, em 23% dos *habitats*, esta é uma empresa privada. As iniciativas que representam grupos ou classes específicas correspondem a 17% dos *habitats* mapeados.



Destaca-se que a vinculação a uma instituição principal pode influenciar na autonomia e na capacidade do *habitat* para tomar decisões estratégicas com independência. Além disso, a presença de iniciativas que representam grupos ou classes específicas pode limitar a diversidade e a inclusão no ecossistema de inovação – aspecto que é descrito mais minuciosamente na categoria “Estrutura dos *habitats*”, no tópico a seguir. Essa característica demanda atenção, já que esses são temas que não podem ser discutidos sem que a sociedade compreenda sua importância para as suas próprias condições de vida e possíveis transformações.

Quanto ao posicionamento (identificação perante o mercado), já detalhado anteriormente, em suma, constatamos que 35% são *hubs*, em sua maioria criados a partir de 2020, e 31% são incubadoras, sendo que a maioria faz parte da rede de Núcleos Incubadores de Ifes. As aceleradoras estão vinculadas a ações e projetos de empresas privadas, ao passo que a maioria dos centros de inovação vincula-se a projetos liderados pelo poder público e universidades.

Embora o mapeamento indique que os *hubs* e incubadoras são os mais comuns na região, é importante avaliar se essas iniciativas estão conseguindo promover o desenvolvimento de *startups* e negócios inovadores de forma efetiva ou até indicar uma certa saturação desses espaços. Isso porque há uma proporção maior de espaços em relação ao número de *startups*, o que sinaliza a necessidade premente de maior articulação com as universidades, espaços produtores de conhecimento.

Em relação aos públicos principais dos *habitats*, 26% são *startups* e negócios inovadores, 19% são empresas e 17% são os colaboradores/funcionários e 13% são universitários. Além disso, pesquisadores e inventores correspondem a 4%; ecossistema, ao mesmo percentual; governo e profissionais representam, respectivamente, 1% e 3%; fundos e investidores correspondem a 5%. As *startups* e negócios inovadores são os mais atendidos. No entanto, é importante avaliar se há diversidade em relação aos setores de atuação e se há inclusão de grupos sociais periféricos.

Públicos principais



Em suma, o aumento na criação de *habitats* indica um maior interesse pela inovação no Espírito Santo. Inclusive, o Movimento Capixaba pela Inovação estabeleceu a meta de criar 1.000 *startups* até 2030 (Paixão & Araujo, 2022).

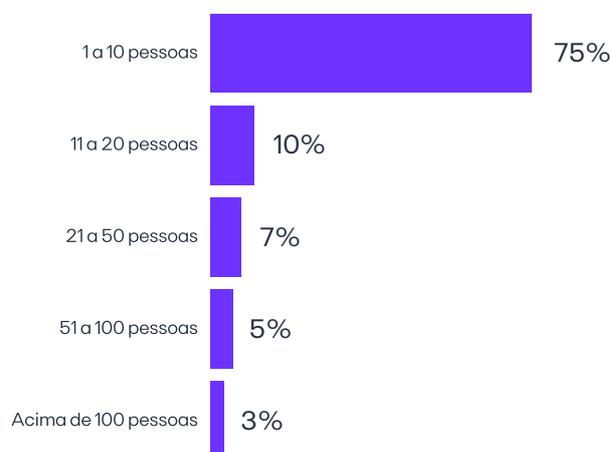
4.4.2 – Estrutura dos Habitats

Esta seção apresenta dados relativos ao quantitativo de pessoas trabalhando em 2023 por contratação direta, inclusive bolsistas, e a consideração, por parte dos ambientes, sobre a pauta da diversidade, com adoção de política de contratação de pessoas com deficiência, gênero ou característica étnico-racial. Os dados também identificam as principais fontes de receita do *habitat*; a dificuldade ou necessidade de realizar captação de recursos para seus projetos ou para as *startups*; a associação ou participação do *habitat* em alguma entidade que representa os ambientes de inovação, além da existência de certificação.

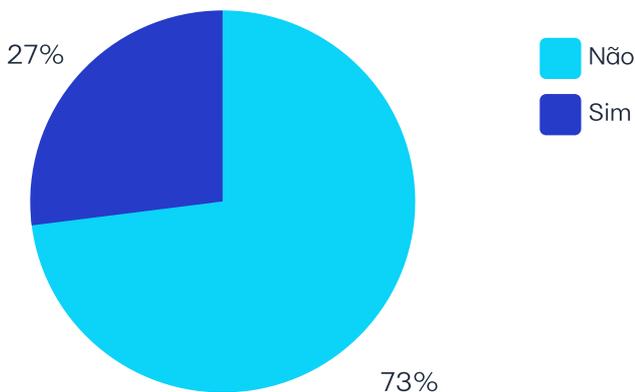
Em relação ao quantitativo de pessoas trabalhando por contratação direta, 75% dos *habitats* atuam com equipes composta por 1 a 10 pessoas. Os bolsistas estão incluídos nesse quantitativo, estando presentes em somente 27% dos *habitats*, casos em que são vinculados à própria instituição ou contratados por meio de parceria com a Fapes, para a execução de projetos específicos.

Em síntese, é fundamental que *habitats* promovam a inclusão e diversidade no ecossistema de inovação, pois pontos de vista diferentes também ampliam a capacidade criativa e a possibilidade de inovar.

Quantitativo de pessoas trabalhando por contratação direta



Quantitativo de bolsistas



Quanto às fontes de receita, 25% dos *habitats* mapeados atuam com recursos próprios para realizar os programas, projetos e eventos, enquanto 22% dependem de recursos das instituições às quais estão vinculados. Os *habitats* têm o apoio de mantenedores (13%), contam com recursos de fomento (10%) e com recurso governamental (8%). Os demais recebem patrocínios, locações de espaços e/ou realização de projetos e consultorias. Alguns *habitats* indicaram fontes únicas de receitas, enquanto outros, mais de uma fonte.

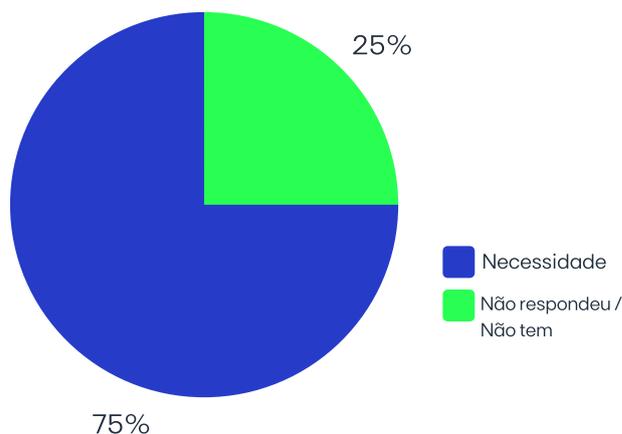
Principais fontes de receita



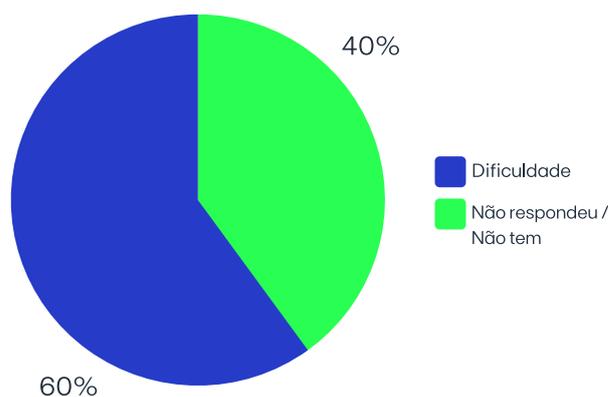
Muitos dos *habitats* mapeados dependem de recursos próprios ou das respectivas instituições mantenedoras para realizar suas atividades. Isso pode ser um indicativo de que há a necessidade de diversificar as fontes de financiamento e buscar parcerias com outras empresas e instituições, visando a sustentabilidade financeira desses ambientes de inovação.

Em relação à captação de recursos, 25% afirmaram ter dificuldade e 40%, necessidade de atuar nesse sentido. Assim, quase metade dos *habitats* identificados tem necessidade de buscar recursos, evidenciando que ainda há muito a ser feito na busca por sustentabilidade financeira para essas iniciativas.

Necessidade quanto à captação de recursos

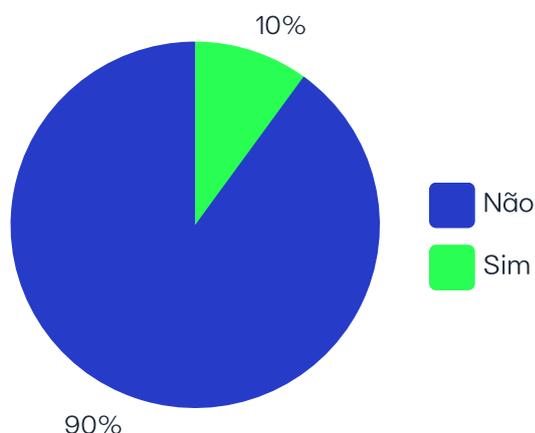


Dificuldade quanto a captação de recursos



No que se refere à associação a entidades que representam os ambientes de inovação, como a Anprotec, 90% dos *habitats* mapeados afirmaram não serem associados nem participar de alguma outra entidade. Geralmente, são as incubadoras e os parques tecnológicos e, mais recentemente, as aceleradoras, *coworking*, órgãos públicos e outras instituições que estão associados à Anprotec⁸.

Associação com entidades representativas em inovação

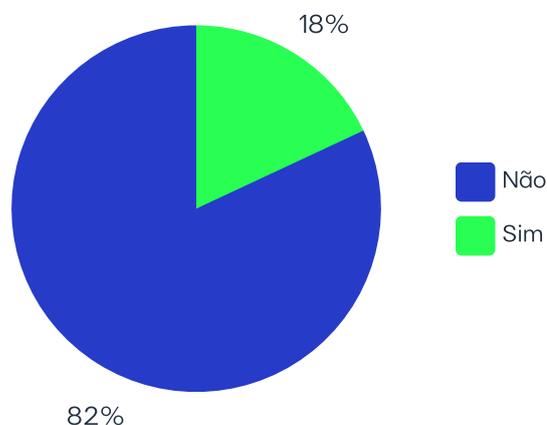


A Anprotec atua por meio da promoção de atividades de capacitação, articulação de políticas públicas e geração e disseminação de conhecimentos há mais de 30 anos no ecossistema brasileiro. Dentre os *habitats* cujos gestores foram entrevistados, apenas 18% afirmaram possuir a certificação do Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos, pela qual a Anprotec é responsável. Dos 82% que não possuem essa certificação, alguns manifestaram interesse em conquistá-la.

É necessário avaliar se há espaço para ampliar essa parceria entre os *habitats* e a Anprotec, visando ao fortalecimento desses ambientes e ao desenvolvimento da inovação no Espírito Santo. O Programa Habitats, parceria entre Sebrae, Fapes e MCI selecionou 10 projetos de ambientes na Grande Vitória e no interior, para os quais, como parte das ações, será

proporcionada a preparação para a certificação Cerne.

Certificação



Além disso, os *habitats* precisam compreender que o relacionamento com a Anprotec abre portas para realidades de outras regiões brasileiras, ampliando a visão sobre o que é possível fazer em âmbito local. A entidade também traz contribuição profícua em relação à sustentabilidade, um calcanhar de Aquiles para os *habitats* de inovação.

4.4.3 Entregas e Conexões dos Habitats

Os dados trazidos nesta seção destacam quais foram as 3 principais atividades que o *habitat* realizou em 2021 e 2022; quais as 3 principais atividades que pretende realizar em 2023 a 2024; recebimento de alguma premiação/reconhecimento pelo ecossistema de inovação; conexão do ambiente a outros atores dos ecossistemas local, regional, nacional e/ou internacional; parceiros do ecossistema capacitados com os quais o *habitat* se conecta com mais frequência; 3 principais formas da atuação em conjunto com os parceiros, tipo de cliente ou parceiro que tem sido buscado.

As principais atividades dos *habitats* dos últimos dois anos (2021–2022) foram eventos de conexão e capacitação (30%), participação em editais (18%),

⁸ Em <https://anprotec.org.br/site/sobre/associados-anprotec/>, é possível pesquisar os ambientes associados à entidade em cada estado.

ações relacionadas à inovação aberta (8%) e programas internos de inovação (10%). Os programas de pré-incubação, incubação e aceleração somam 15%.

Principais atividades realizadas em 2021-2022



É interessante observar que os eventos ainda são a principal atividade, seguidos da participação em editais e dos programas de pré-incubação, incubação e aceleração.

É positivo, também, que a transformação digital das empresas e os programas internos de inovação sejam considerados como atividades prioritárias para 2023-2024. Para o período mencionado, os *habitats* têm pretensões distintas, destacando-se a intenção de acelerar a transformação digital das empresas e implantar ou ampliar os programas internos de inovação.

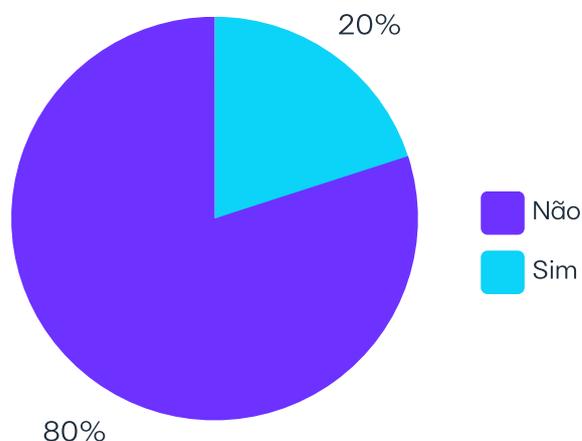
Principais atividades realizadas em 2023-2024



Notamos que as atividades previstas para os próximos dois anos estão equilibradas, mas, como ecossistema, é importante que esses *habitats* estejam mais alinhados em relação a um propósito comum.

Um total de 4% dos *habitats* manifestou espontaneamente a intenção de contribuir para posicionar o Espírito Santo no mapa da inovação nacional. Além disso, 20% dos ambientes receberam reconhecimento/premiações por suas atuações.

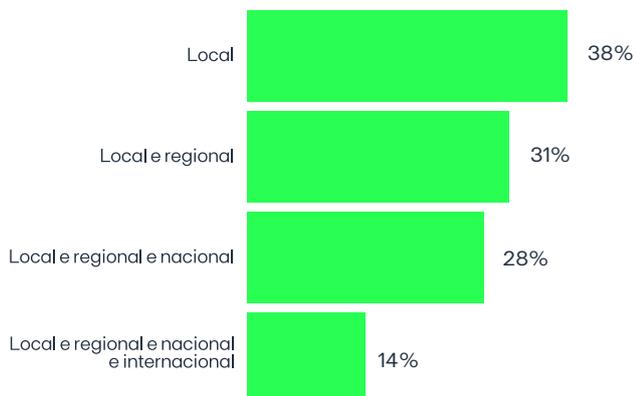
Recebimento de premiação



É positivo que 1/5 dos *habitats* já tenha sido reconhecido por sua atuação e que haja disposição espontânea de alguns desses ambientes de contribuir para que o Espírito Santo tenha destaque na inovação brasileira. No entanto, é importante que os *habitats* se conectem cada vez mais (e de forma mais equilibrada), para a realização de programas de capacitação e captura de recursos, além da realização de eventos, o que pode fortalecer o ecossistema de inovação capixaba como um todo.

As conexões locais são feitas por 38%, enquanto 31% se conectam local e regionalmente (considerando o território do Espírito Santo). Outros 28% têm conexões locais, regionais e nacionais e outros 14% se conectam em âmbitos local, regional, nacional e internacionalmente.

Níveis das conexões estabelecidas com os outros API's



Finalidade das conexões

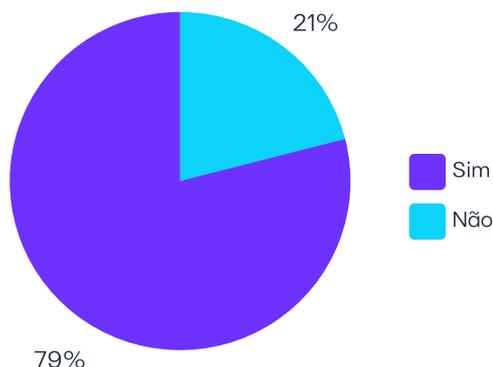


No que tange às conexões locais e regionais, é importante destacar a relevância do papel das universidades e empresas como um dos principais parceiros dos *habitats*, reforçando, mais uma vez, a importância da colaboração entre diferentes atores do ecossistema de inovação.

Os gráficos a seguir mostram a situação dos *habitats* em relação à busca por parceiros e o tipo de parceiro que estava sendo buscado.

Em 25% dos *habitats*, a conexão mais frequente é estabelecida com as universidades, enquanto empresas e instituições de apoio são, cada uma, a conexão mais frequente para 23% dos ambientes. As instituições de fomento são buscadas por 12%, enquanto a conexão com o governo é mais forte para 11%.

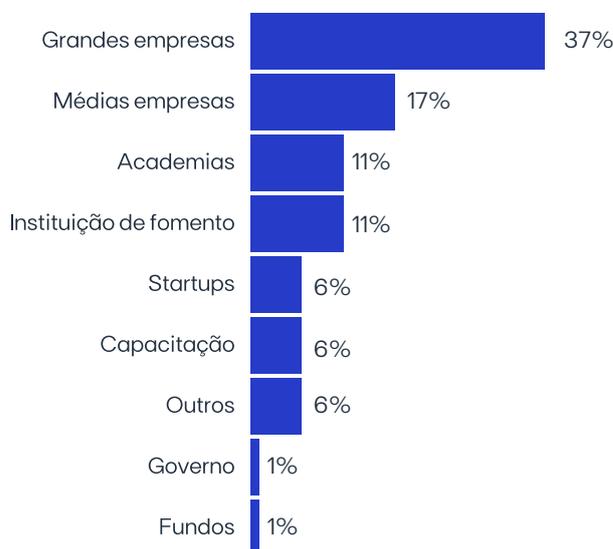
Busca por parceiros



Parceiros mais frequentes



Parceiro que está sendo buscado



Em relação à finalidade das conexões, 45% se conectam para a realização de eventos; 25%, para realizar programas de capacitação e 18%, para captar recursos de fomento.

4.4.4 Percepções dos Gestores

Esta seção destaca, a partir dos dados obtidos com as perguntas não estruturadas (abertas) que constavam do instrumento de pesquisa, os principais desafios enfrentados pelo ecossistema de inovação do Espírito Santo; ações, projetos e iniciativas do ecossistema para colaborar com o desenvolvimento do papel que tem sido desempenhado pelo *habitat*; avaliação do Espírito Santo no percurso de desenvolvimento do ecossistema de inovação nos últimos cinco anos; possibilidades vislumbradas para o ecossistema do Espírito Santo até 2030.

A seguir, destacamos alguns pontos relevantes captados com esses atores.

O primeiro deles é que o principal desafio do ecossistema de inovação do Espírito Santo, segundo os entrevistados, é a falta de conexão e colaboração entre os diferentes *habitats*, iniciativas e instituições envolvidas no ecossistema de inovação e empreendedorismo. Há muitas ações sendo realizadas de forma isolada, sem interação e alinhamento de propósitos.

Isso resulta em uma sobreposição de atividades, falta de densidade, baixa participação ativa das empresas e comunicação falha. Assim, os dados sinalizam que o ecossistema capixaba, no período em que este mapeamento foi realizado, encontrava-se na fase de nascimento, conforme Moore (1993). Sinaliza, ainda, que há um longo caminho a ser percorrido.

Além disso, há uma cultura de competição, que não valoriza o trabalho do outro, e uma carência de mão de obra especializada em cultura de inovação e empreendedorismo. Para superar esses desafios, é necessário criar uma cultura mais colaborativa, com mais autonomia e independência em relação às grandes corporações.

Além dos pontos mencionados, é preciso fortalecer a liderança empreendedora e desenvolver a liderança de um ator que possa estabelecer articulações, ações e projetos em nome do ecossistema. É preci-

so, ainda, que haja mais diversidade e inclusão nos ambientes de inovação, bem como maior capacitação dos envolvidos nesse ecossistema, para compreenderem sua complexidade e suas hélices.

Em relação às ações, projetos e iniciativas do ecossistema que podem colaborar para o desenvolvimento do trabalho desempenhado pelos *habitats*, algumas das principais ideias sugeridas pelos entrevistados incluem:

- a) a importância de melhorar a interface entre os *habitats* para apoiar a captação de recursos e promover sua colaboração com os ecossistemas;
- b) fomentar o empreendedorismo com *startups* de base tecnológica;
- c) resolver gargalos de capacitação e divulgação do trabalho para as *startups* e parceiros;
- d) realizar convenções voltadas para os ambientes, a fim de reuni-los e multiplicar sua capacidade de realização em favor de um empreendedor que queira inovar;
- e) ter mais conexões entre os gestores para ampliar a troca e os conhecimentos sobre como as empresas podem se conectar;
- f) realizar mais projetos em parcerias e implementar iniciativas que contribuam para a sensibilização dos atores para a temática da inovação.

Além disso, é importante destacar a relevância da inovação aberta, de ter mais *startups* e de ampliar a maturidade do ecossistema de inovação, o que encontra barreiras diante da falta de espírito colaborativo destacada pelos entrevistados.

A avaliação sobre o ecossistema de inovação do Espírito Santo difere entre os entrevistados. Alguns percebem que houve um crescimento significativo nos últimos anos, com mais iniciativas e eventos relacionados à inovação, bem como investimentos e avanços em políticas públicas.

Por outro lado, muitos acreditam que ainda há um longo caminho a percorrer para que o ecossistema alcance maturidade e gere resultados tangíveis, sendo necessário maior alinhamento de propósitos e estratégias, bem como uma mudança da mentalida-

de e o fortalecimento da cultura de inovação entre empreendedores, universidades e sociedade em geral.

Também foi mencionado que, embora haja muitos *hubs* de inovação no estado, há poucas iniciativas efetivas de geração de inovação, como também não está explícito o papel de cada um no ecossistema. Há uma expectativa geral de que o ecossistema continue evoluindo e se tornando cada vez mais relevante.

Em relação à expectativa para o ecossistema até 2030, os entrevistados pontuaram a necessidade premente de se fortalecer o ecossistema de inovação no Espírito Santo, tendo como base o Movimento Capixaba pela Inovação e ações como o Programa Ecossistema Local de Inovação (ELI) e a atuação dos Agentes Locais de Inovação (ALI), esses dois últimos apoiados pelo Sebrae, juntamente com a realização do ESX, o maior evento de inovação do estado, o qual vem crescendo a cada edição. Para isso, é preciso executar o que foi discutido no âmbito dessas iniciativas e investir em empresas inovadoras com o apoio de fontes de fomento.

Além disso, é necessário ampliar as iniciativas de incentivo ao empreendedorismo inovador, criar uma cultura de inovação aberta; trabalhar em rede; integrar, efetivamente, o governo, empresas e academias e os atores das demais hélices; diversificar a economia e aumentar o número de *startups* no estado.

Também foi destacada a importância de elevar a maturidade do ecossistema e de criar uma estrutura de governança que promova a convergência de iniciativas, que possam ser agregadoras para o desenvolvimento dos pontos de vista tecnológico e social. O desejo comum é tornar o Espírito Santo uma referência nacional em inovação.

4.4.5 Principais Desafios

Para Kon (2016), entender as características dos ecossistemas de inovação auxilia na formulação de estratégias pelos atores que o compõem. A partir dos

principais apontamentos dos entrevistados e pelo que a literatura pontua, listamos os 10 principais desafios a serem superados pelo ecossistema de inovação do Espírito Santo.

a) Falta de maturidade, visto que, no geral, há pouco conhecimento sobre CT&I, seu funcionamento e impactos para o desenvolvimento dos negócios, da economia e da sociedade, bem como sobre a complexidade de um ecossistema e a necessidade de articulação entre todos os atores para que haja resultado concreto em inovação.

b) A comunicação é falha, pois há desconhecimento sobre os conceitos e sobre o que os *habitats* fazem. As informações são descentralizadas. É preciso pensar numa “marca” que traduza e represente a identidade do ecossistema perante os públicos internos e externos, a exemplo do que foi feito em Recife (PE), onde o ecossistema de inovação foi designado Porto Digital. Além disso, é fundamental que todos os veículos de comunicação abracem a pauta com a seriedade que ela demanda, para ajudar a romper a bolha da inovação e para serem aliados estratégicos na divulgação de temas a ela relacionados.

c) Na dinâmica de desenvolvimento dos *habitats*, é importante que se tenha uma figura de liderança que esteja alinhada com o propósito de crescimento e desenvolvimento do estado, incentivando ações coletivas e projetos comuns para que a orquestração entre os atores aconteça a favor do ecossistema de inovação.

d) Cultura e mentalidade ainda predominantemente baseada na concorrência entre os negócios e a disputa entre os *habitats*, com sombreamento de atividades. É importante que os atores estejam mais próximos para entender como cada um pode contribuir.

e) É importante definir um propósito comum que convide a sociedade para participar das transformações, estimulando-a a fazer parte de um movimento integrado, dinâmico e em constante evolução, que, necessariamente, passa pelos impactos promovidos pela inovação.

f) Na maioria dos *habitats*, **não há definição de nichos e processos nem independência e autos-sustentabilidade**, o que dificulta a liberdade de atuação colaboração e o apoio direcionado ao desenvolvimento dos negócios.

g) **Há muito espaço a ser ocupado nos *habitats*.**

Proporcionalmente, há poucas *startups* ativas, considerando a quantidade de ambientes. Atualmente, existem aproximadamente 3 *startups* para cada *habitat*, considerando o último levantamento da Liga Ventures e EDP Brasil (2022).

h) **É preciso que a atuação não fique restrita a defender interesses individuais/grupos**, pois o ecossistema existe se os atores estão em conexão, cientes dos seus respectivos papéis e propósito comum, o que gera confiança e colaboração. Os atores existem, mas o que transforma é a maneira como ocorre sua atuação.

i) É preciso **investir ainda mais na formação de empreendedores inovadores** nas instituições de ensino. Há um grande potencial de formação de talentos para empreender e para atuar nas empresas pela força dos agentes educacionais na região, que demonstram interesse na pauta e desenvolvem programas, espaços de inovação e projetos.

j) Existem iniciativas para fomentar a cultura do empreendedorismo e inovação no ecossistema, mas **ainda há espaço para fortalecer o direcionamento para o desenvolvimento de *spin-offs* que se originam nas universidades** (deeptechs), nas quais há grande potencial a ser explorado, considerando o que é desenvolvido em termos de pesquisas científicas nos laboratórios e com potencial para criar produtos e atender às demandas reais das empresas.

Conclusões

O processo de criação dos *habitats* de inovação surge em contextos específicos para suprir uma demanda de apoio ao desenvolvimento de novos negócios. Observamos que novos modelos de ambientes têm sido criados e ressignificados ao longo das últimas décadas. Por esse motivo, é importante conhecermos nossa realidade para compreender de que maneira os *habitats* estão cumprindo seus papéis e quais as suas necessidades para que os próximos passos sejam dados.

No Espírito Santo, o ecossistema como representação de atores existe e diversas iniciativas ocorrem conjuntamente, mas ele precisa ser guiado de maneira estratégica para alcançar objetivos comuns de seus representantes.

Nesse sentido, será preciso pensar em ações que extrapolem o ato de inserir “pins” (pontos de localização) nos mapas. É premente entender em profundidade a demanda existente, ao mesmo tempo que se caminha para definir metas e objetivos que de fato sejam compartilhados entre todos os envolvidos e a sociedade. Esta, afinal, precisa se reconhecer como parte ativa desse processo.

Dessa forma, como defende Gobble (2014), é importante que organizações e inovadores que atuam isoladamente compreendam o ecossistema a que pertencem e quais são os seus papéis dentro dele – aqui, cabe ressaltar que uma organização pode fazer parte de vários ecossistemas, desempenhando diferentes papéis em cada um.

Como vimos no estudo, os *habitats* precisam desenvolver mais programas e ações dedicados à criação e desenvolvimento de *startups* e *spin-offs* acadêmicas (*deeptechs*) e empresariais. Caso contrário, os desafios apresentados pelas empresas têm poucas chances de encontrar respostas nas soluções oferecidas pelo ecossistema de inovação capixaba como

também em níveis nacional e internacional. Como indicamos, o ecossistema de inovação no Espírito Santo está em sua primeira fase.

Em outras palavras, nem sempre os desafios são prontamente respondidos, pois a inovação requer um trabalho de base, sobretudo em pesquisa científico-tecnológica. Essa área, no entanto, não é empreendimento solitário das universidades e demanda a participação dos atores de todas as hélices no estímulo ao desenvolvimento de negócios inovadores. Para isso precisamos construir mais confiança entre os atores, afastando a percepção de que algum deles se sobreponha em termos de importância ou necessidade. Somos codependentes. Assim, procede a analogia com a orquestração, para a qual esperamos que este mapeamento traga contribuições.

Nessa perspectiva, é importante lembrar que ecossistemas de inovação mais maduros têm mais momentos de troca com qualidade e os respectivos papéis dos atores são explícitos. Por sua maturidade, podem ser inspiradores. Por exemplo, Leipnitz e Lóssio (2021) destacam 32 vetores de desenvolvimento do ecossistema de Santa Catarina, o qual contou com a contribuição do governo, da educação e capacitação, dos investimentos, da gestão, da infraestrutura, das pessoas, do relacionamento entre todos os atores, da integração dos serviços e das forças econômicas, do empreendedorismo, dos negócios e inovação aberta e do impacto social. Iniciativas surgiram da orquestração do ecossistema local, como o Pacto pela Inovação, o Plano SC 2030 e a estratégia para os Centros de Inovação estaduais.

Em suma, ao observarmos o contexto do ecossistema do Espírito Santo, o potencial de inovação ainda pode ser muito mais explorado. Para isso, precisare-

mos ser capazes de, juntos, responder a questões desafiadoras, por exemplo:

- Como melhorar a maturidade em CT&I?
- Como melhorar a comunicação sobre o ecossistema e seus processos?
- Como promover a maturidade nas discussões sobre esses temas?
- Que estratégias devem ser utilizadas para que cada ator se compreenda como parte fundamental desse processo?
- Como preparar e incentivar os jovens para a atuação no tema CT&I?
- Como envolver a sociedade para o desafio de transformar o Espírito Santo a partir da CT&I?
- Como preparar a academia e o mercado para uma aproximação frutífera?

De forma transversal aos desafios, é importante enfatizar que a falta de visão estratégica e de resultados, bem como outros apontados neste estudo, é prejudicial ao desenvolvimento do ecossistema.

O que ocorre é a multiplicidade e a sobreposição de ações, o que sugere que existe a oportunidade de otimização de recursos mediante uma visão sistêmica sobre inovação.

Nossa principal contribuição é tornar a realidade local mais explícita, para que, juntos, sejamos capazes alavancar o desenvolvimento almejado há décadas.

Referências

- Agência Sebrae de Notícias. (2022). Pesquisa mundial de empreendedorismo divulgada no Projeto Sebrae 50+50.** <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebrae50mais50/-noticias/pesquisa%E2%80%93mundial%E2%80%93de%E2%80%93empreendedorismo%E2%80%933divulgada%E2%80%93no%E2%80%93projeto%E2%80%93sebrae%E2%80%9350mais50#:~:text=Cerca%20de%2048%2C9%25%20dos,s%C3%A9rie>
- Almeida, Priscila S. de. (2015). Proposta de critérios para avaliação do ciclo de maturidade das empresas incubadas a partir do modelo Cerne: um estudo na incubadora tecnológica de Curitiba (INTEC).** Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Amaral, Amanda. (2022). Vitória é a segunda no ranking das cidades mais inteligentes.** <https://esbrasil.com.br/vitoria-e-segunda-no-ranking-das-cidades-mais-inteligentes/>
- Anprotec & Sebrae. (2002). Glossário dinâmico de termos na área de Tecnópolis, parques tecnológicos e incubadoras de empresas.** <https://docplayer.com.br/5488835-Glossario-dinamico-de-termos-na-area-de-tecnopolis-parques-tecnologicos-e-incubadoras-de-empresas.html>
- Anprotec. (2019). Mapeamento dos mecanismos de geração de empreendimentos inovadores no Brasil.** https://anprotec.org.br/site/wp-content/uploads/2019/09/Mapeamento_Empreendimentos_Inovadores.pdf
- Athié, Katherine S. (2020). Cidades inteligentes, planejamento e gestão: esforços da cidade de Vitória (ES) para uma transformação digital.** Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Audy, Jorge L. N. (2017). A inovação, o desenvolvimento e o papel da universidade.** *Estudos Avançados*, 31(90), 75-87. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190005>
- Audy, Jorge L. N. (2018). Prefácio: Habitats de Inovação, o desafio.** In: Depiné, Clarrissa & Teixeira, Clarissa S. (Eds.). *Habitats de inovação: conceito e prática* (pp. 6-8). São Paulo, Perse. <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/05/HABITATS-DE-INOVACAO-conceito-e-pratica.pdf>
- Azevedo, Ingrid S. & Teixeira, Clarissa S. (2018). Incubadoras de empresas: percurso histórico e tipologias.** In: Depiné, Clarrissa & Teixeira, Clarissa S. (Eds.). *Habitats de inovação: conceito e prática* (pp. 199-222). São Paulo, Perse. <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/05/HABITATS-DE-INOVACAO-conceito-e-pratica.pdf>

Brito, Máyra B. T. (2022). Disputa no território: análise do discurso crítica da cobertura jornalística do Gazeta Online (2017–2019) sobre o Parque Tecnológico de Vitória. Dissertação de mestrado em Comunicação Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. <https://comunicacaoso-social.ufes.br/pt-br/posgraduacao/POSCOM/detalhes-da-tese>

Campos, João G. C., Teixeira, Clarissa S., Schmitz, Ademar & Macedo, Marcelo. (2018). Coworking spaces: definições, classificações e tendências. In: Depiné, Clarrissa & Teixeira, Clarissa S. (Eds.). Habitats de inovação: conceito e prática (pp. 272–292). São Paulo, Perse. <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/05/HABITATS-DE-INOVACAO-conceito-e-pratica.pdf>

Carayannis, Elias & Campbell, David F. J. (2009). 'Mode 3' and 'Quadruple Helix': Toward a 21st century fractal innovation ecosystem. International Journal of Technology Management, 46(3/4), 201–234.

<http://dx.doi.org/10.1504/IJTM.2009.023374>

Castells, Manuel. (2005). A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: Castells, Manuel & Cardoso, Gustavo. (Eds.). A sociedade em rede: do conhecimento à acção política (pp. 17–30).

<http://labds.eci.ufmg.br:8080/bitstream/123456789/62/1/CAS-TELLS%3B%20CARDOSO.%20Sociedade%20em%20rede.pdf>

Chaves, R. F. & Costa, S. R. R da. (2019). Proposta de práticas para obtenção e manutenção de qualificação de empresas incubadas segundo o modelo CERNE. Sistemas e Gestão, 4(4), 400–412.

<https://doi.org/10.20985/1980-5160.2019.v14n4.1563>

Chesbrough, Henry. (n.d.). <https://haas.berkeley.edu/faculty/chesbrough-henry/>

Chierighini, Tony. (2021). O papel das incubadoras e o suporte ao empreendedor. In: Leipnitz, Daniel & Lóssio, Rodrigo. Ponte para a inovação: como criar um ecossistema empreendedor (pp. 243–254). Florianópolis, Santa.

CI-UFPE. (n.d.). Histórico do Genesis. <https://www.cin.ufpe.br/~genesis/historico.html>

Conde, Walter. (2010). Decreto de regulamentação faz de Vitória primeira cidade com Lei de Inovação.

<https://www.vitoria.es.gov.br/noticias/decreto-de-regulamentacao-faz-de-vitoria-primeira-cidade-com-lei-de-inovacao-3636>.

Diniz, Clélio C. (2000). Global-local: interdependência e desigualdade ou notas para uma política tecnológica e industrial regionalizada no Brasil. [Working Paper no 9]. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Rio de Janeiro, RJ. https://bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Galerias/Convivencia/Publicacoes/Consulta_Expressa/Setor/Industria/200007_8.html

Etzkowitz, Henry & Leydesdorff, Loet. (1998). *The Triple Helix as a model for innovation studies*. *Science and Public Policy*, 25(3), 195–203. <https://doi.org/10.1093/spp/25.3.195>

Faria, Adriana, De Battisti, Andressa C., Sedyama, Jaqueline A. S., Alves, Jeruza H. & Silvério, José A. (2021). *Parques tecnológicos do Brasil*. <https://anprotec.org.br/site/wp-content/uploads/2022/01/ParquesTecnologicosBrasil2021-Final-vr.pdf>

Flôr, Clarissa da S. & Teixeira, Clarissa S. *Aceleradoras: histórico e evolução mundial*. In: Depiné, Clarrissa & Teixeira, Clarissa S. (Eds.). *Habitats de inovação: conceito e prática* (pp. 177–198). São Paulo, Perse. <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/05/HABITATS-DE-I-NOVACAO-conceito-e-pratica.pdf>

Freitas, Regina. (2019). *Centro de Inovação em Goiabeiras já está 60% construído*. Vitória. <https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/centro-de-inovacao-em-goiabeiras-ja-esta-60-porcento-construido-39099>

Garcia, Anilton. (2023). *Entrevista concedida a Máyra Belem Tavares de Brito*.

GEM. (2021). *GEM 2020/2021 Global Report*. <https://www.gemconsortium.org/report/gem-20202021-global-report>

Gobble, MaryAnne M. (2014). *Charting the innovation ecosystem*. *Research–Technology Management*, 57(4), p. 55–59. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.5437/08956308X5704005>

Gomes, Rossana A. de O. S. & Teixeira, Clarissa S. (2018). *As tipologias de habitats de inovação: uma análise da legislação vigente do sul do Brasil sob a luz do Novo Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação*. *Revista Eletrônica do Alto Vale do Itajaí*, 7(11), 1–9. <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/reavi/article/view/14312>

Gomes, Rossana A. de O. S. (2021). *Mapeamento do ecossistema de inovação do município de São José com vistas a sua ativação e orquestração*. *Dissertação de mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Gonçalves, Siumara. (2022). *Produção Industrial do ES cresce acima da média nacional em 2021*. <https://findes.com.br/producao-industrial-do-es-cresce-acima-da-media-nacional-em-2021/>

Iasp (2022). *Iasp members*. <https://www.iasp.ws/ourmembers/directory>

I2CA. (n.d.). *O carro*

Jackson, Deborah J. (2011). *What is an innovation ecosystem?* National Science Foundation, Arlington. https://erc-assoc.org/sites/default/files/topics/policy_studies/DJackson_Innovation%20Ecosystem_03-15-11.pdf

Kon, Anita. (2016). Ecosistemas de inovação: a natureza da inovação em serviços. Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace, 7(1), 14–27. <https://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/view/170>

Lasmar, Tiago, Nascimento, Samuel & Carvalho, Darlinton. (2019). Mapeamento do ecossistema de empreendedorismo da região de São João del-Rei: o primeiro passo para uma estratégia de desenvolvimento regional. In: Conferência Anprotec no Innovation Summit Brasil, Florianópolis, SC, Brasil. https://www.researchgate.net/publication/339821403_Mapeamento_do_ecossistema_de_empreendedorismo_da_regiao_de_Sao_Joao_del-Rei_o_primeiro_passo_para_uma_estrategia_de_desenvolvimento_regional.

Lei Complementar n. 642, de 15 de outubro de 2012. (2012). Dispõe sobre medidas de incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica em ambientes produtivos. Vitória. <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=262972>

Lei n. 10.973, de 2 de dezembro de 2004. (2004). Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo. Brasília. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.973.htm

Lei n. 13.243, de 11 de janeiro de 2016. (2016). Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação... Brasília. https://www.planalto.gov.br/civil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13243.htm

Leipnitz, Daniel & Lóssio, Rodrigo. (2021). Apresentação. In: Leipnitz, Daniel & Lóssio, Rodrigo. Ponte para a inovação: como criar um ecossistema empreendedor. Florianópolis, Santa.

Liga Ventures & EDP Brasil. (2022). Mapeamento do Ecossistema Espírito Santo. <https://insights.liga-ventures/estudos-completos/startups-do-espírito-santo/>

Lima, Bianca & Gerbelli, Luiz Guilherme. (2020). No Brasil, 40% dos jovens com ensino superior não têm emprego qualificado. <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/08/11/no-brasil-40percent-dos-jovens-com-ensino-superior-nao-tem-emprego-qualificado.ghtml>

Loureiro, Klítia (2005). A modernização econômica do espírito santo e a ação dos agentes políticos locais. Anais do Simpósio Nacional de História, Londrina, PR, Brasil, 23.

Machado, José E. S., Jr., Felden, Érico P. G. & Teixeira, Clarissa S. (2018). A ação das redes para inovação. In: Depiné, Clarrissa & Teixeira, Clarissa S. (Eds.). Habitats de inovação: conceito e prática (pp. 236–256). São Paulo, Perse. Disponível em <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/05/HABITATS-DE-INOVACAO-conceito-e-pratica.pdf>

Matos, Guilherme & Teixeira, Clarissa. (2022). O que são e como são conceituados os ecossistemas de inovação. Via Revista, 7(13), 7-10. Disponível em: <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/revistaVIA-13ed-2.pdf>.

Matos, Guilherme P. (2022). Os diferentes tipos de ecossistemas de inovação. Via Revista, 7(13), 11-13. Disponível em: <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/revistaVIA-13ed-2.pdf>.

MCTI. (2019a). Indicadores de parques tecnológicos – Fase 2: Estudo de projetos de alta complexidade. Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (UnB), Brasília. <https://gestiona.com.br/wpcontent/uploads/2019/10/MCTIC-UnB-ParquesTecnologic osPortugues-final.pdf>

MCTI. (2019b). Portaria n. 6.762, de 17 dezembro de 2019. Institui o Programa Nacional de Apoio aos Ambientes Inovadores. https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/legislacao/portarias/Portaria_MCTIC_n_6762_de_17122019.html?searchRef=inova%C3%A7%C3%A3o&tipoBusca=expressaoExata

Moore, James F. (1993). Predators and prey: a new ecology of competition. Harvard Business Review, 71(3), 75-83. <https://hbr.org/1993/05/predators-and-prey-a-new-ecology-of-competition>

Mueller, Marcos. (2021). Acelerando ecossistemas. In: Leipnitz, Daniel & Lóssio, Rodrigo. Ponte para a inovação: como criar um ecossistema empreendedor (pp. 255-266). Florianópolis, Santa.

O'Shea, Rory P., Allen, Thomas J., Morse, Kenneth. P., O'Gorman, Colman & Roche, Frank. (2007). Delineating the anatomy of an entrepreneurial university: the Massachusetts Institute of Technology experience. R & D Management, 37(1), 1-16.

OCDE. (2005). Manual de Oslo: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação (Trad. Finep). 3. ed. Paris.

Oliveira, Raphael R. de, Botelho, Marisa dos R. A. & Avellar, Ana Paula M. de. (2019). Anais do Encontro Nacional de Economia Industrial e Inovação, Campinas, SP, Brasil, 4.

Onu. (2023). Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

Paixão, Juba & Araujo, Luciene. (2022). Ecossistema de Inovação: O ES a Caminho do Futuro. <https://esbrasil.com.br/ecossistema-de-inovacao-o-es-a-caminho-do-futuro/>

Prodanov, Cleber & Freitas, Ernani. (2013). Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Nova Friburgo, Feevale.

Ramos, Daniela, Souza, João Vitor T. de; Piqué, Josep M. & Teixeira, Clarissa S. (2018). **Distritos de inovação e a tríplice hélice**. In: Depiné, Clarrissa & Teixeira, Clarissa S. (Eds.). **Habitats de inovação: conceito e prática** (pp. 103–114). São Paulo, Perse. <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/05/HABITATS-DE-INOVACAO-conceito-e-pratica.pdf>

Rosa, Ruam C. & Lira, Pablo S. (2020). **Panorama do mercado de trabalho capixaba**. <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1277/Artigo%20fes%20formatado%20-%20Ruam%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Schneider, Carlos Alberto. (2021). **As fundações que dão origem e sustentação a um polo tecnológico**. In: Leipnitz, Daniel & Lóssio, Rodrigo. **Ponte para a inovação: como criar um ecossistema empreendedor** (pp. 21–43). Florianópolis, Santa.

Sebrae-MG. (n.d.). **Venture builder: o que são e como funcionam**. <https://inovacaosebraeminas.com.br/venture-builder/>

Teixeira, Clarissa S. (2018). **Habitats de inovação e a necessidade de alinhamento conceitual para fortalecimento do ecossistema**. In: Depiné, Clarrissa & Teixeira, Clarissa S. (Eds.). **Habitats de inovação: conceito e prática** (pp. 9–12). São Paulo, Perse. <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/05/HABITATS-DE-INOVACAO-conceito-e-pratica.pdf>

Teixeira, Clarissa S., Trzeciak, Dorzeli S. & Varvakis, Gregório. (2017). **Ecossistema de inovação: alinhamento conceitual**. Florianópolis, Perse. <http://centrosdeinovacao.sc.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/11.Ecossistema-de-inovacao-Alinhamento-Conceitual.pdf>

Teixeira, Clarissa S.; Audy, Jorge; Piqué, Josep M. (2021). **Ecossistemas de Inovação: Metamodelo para orquestração**. São Paulo, Perse.

Teixeira, Clarissa, Ehlers, Ana Cristina, Novelino, Lucas & Macedo, Marcelo. (2016). **Habitats de Inovação: alinhamento conceitual**. Florianópolis, Perse. <http://centrosdeinovacao.sc.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/7.Habitats-de-Inova%C3%A7%C3%A3o-Alinhamento-Conceitual.pdf>

Teixeira, Milena C. & Teixeira, Clarissa S. (2018). **Parques e suas tipologias: tecnológico, científico e tecnológico-científico**. In: Depiné, Clarrissa & Teixeira, Clarissa S. (Eds.). **Habitats de inovação: conceito e prática** (pp. 115–131). São Paulo, Perse. <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/05/HABITATS-DE-INOVACAO-conceito-e-pratica.pdf>

Teixeira, Milena M. C. (2021). **O que são centros de inovação**. *Via Revista*, 10, 6–8. <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/revistaVIA-10ed.pdf>

Via – Estação Conhecimento (2018). O que são living labs? [https://via.ufsc.br/living-labs-alinhamento-conceitual/#:~:text=Living%20labs%2C%20ou%20laborat%C3%B3rios%20vivos,servi%C3%A7o%20\(CHESBROUGH%2C%202003](https://via.ufsc.br/living-labs-alinhamento-conceitual/#:~:text=Living%20labs%2C%20ou%20laborat%C3%B3rios%20vivos,servi%C3%A7o%20(CHESBROUGH%2C%202003)

Via Museu. (n.d.). O museu de habitats. <https://via.ufsc.br/museu-de-habitats-de-inovacao/>

Werner, Gabriela (2021). Coworking: o ponto de encontro da comunidade empreendedora. In: **Leipnitz, Daniel & Lóssio, Rodrigo. Ponte para a inovação: como criar um ecossistema empreendedor (pp. 267-281).** Florianópolis, Santa.

Wessner, Charles W. (Ed.). (2007). Innovation policies for the 21st century: report of a symposium. Washington, National Academies Press, 2007. <https://nap.nationalacademies.org/catalog/11852/innovation-policies-for-the-21st-century-report-of-a-symposium>

Wylinka. (2019). Por que nós brasileiros não conhecemos Carlos Guestrin — e como mudar isso com políticas em CT&I. <https://medium.com/deep-wylinka/por-que-n%C3%B3s-brasileiros-n%C3%A3o-conhecemos-carlos-guestrin-e-como-mudar-isso-com-pol%C3%ADticas-em-ct-i-ac695abd6fe1>

Anexo 1 – Breve apresentação dos habitats do ecossistema do Espírito Santo

1) Mecanismos de geração de empreendimento

1.1) Incubadora

Incubadora / Empresa ou instituição vinculada	Breve descrição
Polo Zaia / Faculdade UCL	A Incubadora Zaia pertence à Faculdade UCL. Há um espaço físico que funciona como coworking para negócios que estão incubados ou não. O que acolhe a incubadora é o Planner Inova Center que é o hub de Inovação da Faculdade UCL, localizada no município de Serra. O curso de empreendedorismo é obrigatório para todos os alunos, que são incentivados a observar que uma ideia ou uma melhoria pode ser tornar um novo negócio. Atualmente há projetos que se conectam mais com os desafios externos como a criação de um compactador de latinhas para facilitar o trabalho dos catadores de resíduos. Alguns laboratórios se tornaram unidades de negócio que prestam serviços para empresas do segmento de concreto. Há pesquisas sobre energia limpa em parceria com a Vale. E a UCL está se adaptando às mudanças, transformando o modelo educacional, para que a formação de mão de obra esteja mais alinhada às demandas do mercado. A instituição entende que as instituições acadêmicas precisam caminhar de portas abertas.
Insight Incubadora / Governo estadual	A Incubadora Insight, localizada em Vila Velha, pertence ao Centro Estadual de Educação Técnica (CEET) Vasco Coutinho do Governo do Estado. A gestão é realizada por uma equipe interna em parceria com o IFES, Fapes, a Aderes e a Incubadora Prosperas de João Neiva (CEET Talmo Luiz Silva). A incubadora realiza ações de capacitações direcionadas para os alunos, mas estão com o desafio de ampliar a atuação e aproximar mais do ecossistema. Em 2022, conquistaram a Certificação Cerni.
Prosperas Incubadora / Governo estadual	A Incubadora Prosperas, localizada em João Neiva, tem como missão inspirar a inovação, incentivando a geração e o desenvolvimento de negócios sustentáveis. A incubadora pertence ao Centro Estadual de Educação Técnica (CEET) Talmo Luiz Silva do governo estadual, a qual conquistou a Certificação Cerni em 2002. A incubadora funciona dentro da escola, onde há cursos na área de mecânica, automação industrial, segurança do trabalho, gastronomia, estética e administração com estrutura de laboratórios.
Espaço Empreendedor da UFES	Na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) foi criado o Espaço Empreendedor, onde está em desenvolvimento o Projeto Incuba Ufes, que abrirá um chamado para projetos da comunidade acadêmica e da sociedade. A parceria com a Tecvitoria está sendo fortalecida novamente. No Programa de Fortalecimento dos Habitats (Edital SEBRAE-ES / FAPES Nº 01/2022), a Ufes será participante interveniente da incubadora. Os gestores estão ampliando a parceria com os núcleos incubadores do IFES, principalmente do sul capixaba. Em São Mateus, os estudantes criaram e estão operando a Liga Empreendedora, um projeto de extensão da Universidade, sob a coordenação de um professor local. Outra ação visa estimular o desenvolvimento das agências juniores, com a participação do IFES, Multivix e Centro Educacional Vale do Cricaré. Outras iniciativas estão sendo realizadas pela Diretoria de Inovação Tecnológica da Ufes em parceria com outras instituições e municípios.
Cricaré Valle/ Universidade Vale do Cricaré	Cricaré Valley é a incubadora da Faculdade Vale do Cricaré, localizada em São Mateus. As Jornadas e Trilhas da Inovação são eventos de estímulo à criação de novos negócios. O ambiente foi inaugurado no início de 2023 para acolher os projetos inovadores que surgiram deste movimento e que possuem potencial para serem desenvolvidos. Os programas de pré-incubação e incubação começarão a rodar em breve para receber projetos de alunos e da comunidade. A incubadora, por meio dessas iniciativas, pretende valorizar os potenciais locais e ajudar a desenvolver a região.
Tecvitoria / Atores diversos	A Tecvitoria é uma incubadora de empresas de base tecnológica, localizada no bairro Itararé em Vitória. Fundada em 1995 por atores locais (Ufes, Prefeitura de Vitória, Governo do Estado, Bandes, Sebrae, Findes e IEL), é o habitat de inovação mais antigo do estado. Tem como objetivo desenvolver novas empresas, produtos e serviços de base tecnológica e fortalecer o empreendedorismo intensivo em inovação. Possui um histórico de contribuições para o desenvolvimento de diversas startups como Aratu, Etaure, Motora, Destine Já. Tem buscado reaproximar das instituições de ensino para incentivar a criação de spin-offs acadêmicas.
Núcleos Incubadores de Empreendimentos do IFES	Os Núcleos Incubadores do IFES formam uma rede, que atua em prol do desenvolvimento de negócios inovadores no Espírito Santo. Ao todo são 13 núcleos localizados na Grande Vitória (3) e no interior (10), sendo que destes, três estão em implantação. Essa rede alcança todas as microrregiões do estado. Os núcleos são geridos pela Agência de Inovação do IFES, que possui atuação em outras frentes como a prestação de serviços tecnológicos e de propriedade intelectual para empresas incubadas e não incubadas. A empresa incubada pode desenvolver um produto ou contratar o Ifes para desenvolvê-los. Os professores também podem realizar uma pesquisa que tenha potencial para se tornar um produto, sendo também apoiado pelo Ifes.

1.2) Aceleradora

Aceleradora / Empresa ou instituição vinculada	Breve descrição
Azys Inovação/Privado	Azys Inovação é uma aceleradora de negócios localizada em Vitória. Ao longo dos anos, desenvolveu uma rede que conecta startups, empresas, investidores, governo e instituições de ensino. A sede está localizada no coworking Space 22. Há uma base também no Cubo Itaú em São Paulo e é uma das mantenedoras da ABStartup. Atua no processo de validação e ideação de startups, estratégias de inovação e gestão de projetos para pequenas e médias empresas e inovação aberta para corporates. Há ainda soluções para o setor público como programas e capacitações, e para academias, como maratonas de inovação.
Platt / Timenow	A Platt é o espaço de conexão de oportunidades da empresa Timenow. Como propósito, busca acelerar a transformação digital da indústria através da conexão com indtechs, estimulando a prática da inovação aberta. A Timenow incentiva a inovação interna por meio de ações, eventos e programas direcionados aos colaboradores, além de liderar movimentos de sensibilização das empresas capixabas sobre a importância da inovação perante o cenário de mudanças constantes.
MilSenior / MedSênior	A MilSenior é o hub da empresa Med Senior, que oferece soluções de saúde para o público da terceira idade. Dedicar-se a projetos voltado à saúde e longevidade. Atualmente estão investindo em soluções de bots, em inteligência de dados e inteligência artificial. Realizaram uma edição do Programa Simbiose Mil para aproximar startups, mas pretendem ter um fluxo constantemente aberto às novas soluções.
StarsVix Aceleradora / Fluyd	A StarsVix é operada localmente pela empresa Fluyd. A aceleradora Stars, empresa principal, está localizada no Rio Grande do Sul. O programa de aceleração é nacional, remoto e segue uma metodologia própria. Atuam também como um veículo de investimento que conecta investidores e lideranças locais. Há um batch anual, mas também ocorrem oportunidades por fluxo, recebendo pitch deck com frequência.
Fire Aceleradora / Espírito Hub	A Aceleradora está em processo de implantação.

1.3) ICT

ICT's / Empresa ou instituição vinculada	Breve descrição
Evangélico Lab / Hospital Evangélico	O Evangélico Lab pertence ao Hospital Evangélico, localizado em Vila Velha. Tem como propósito promover o conhecimento em inovação, gerar ações e projetos, promover engajamento e incentivar a capacitação dos profissionais em novas habilidades. O Lab é recente e está estruturando o seu modelo desde agosto de 2022. Nesta fase, a gestão está dando os próximos passos para formalizar a criação do Instituto de Ciência e Tecnologia.

1.4) NIT

NIT's / Empresa ou instituição vinculada	Breve descrição
Agência de Inovação do IFES (Agifes)	A Agifes busca apoiar o Ifes na missão de gerar desenvolvimento socioeconômico no Espírito Santo por meio do suporte à inovação, com atuação em rede e da integração entre ensino, pesquisa e extensão junto a empreendedores, alunos, servidores e entidades parceiras e a comunidade externa. Atua por meio dos núcleos incubadores, prestando serviços tecnológicos e de propriedade intelectual para empresas incubadas e não incubadas. O IFES atua em muitas áreas como a agrícola, industrial e serviços. As empresas procuram os campi, quando precisam desenvolver uma tecnologia usando os laboratórios ou acessando os pesquisadores. Os projetos são viabilizados via Fundação Facto.
Instituto de Inovação Tecnológica (INIT/UFES)	Vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, o Instituto de Inovação Tecnológica (INIT) da UFES é o órgão responsável pela gestão da propriedade intelectual gerada na Universidade. Dessa maneira, o pesquisador da UFES conta com o instituto para proteger suas pesquisas e invenções. O INIT é formado por uma equipe multidisciplinar constituída por profissionais capacitados e qualificados para a execução das atividades relacionadas à Propriedade Intelectual e Inovação Tecnológica, sendo que as informações técnicas e confidenciais são mantidas em sigilo pelos integrantes.

1.5) Laboratório de Inovação

Laboratório de Inovação / Empresa ou instituição vinculada	Breve descrição
Vix Labs / Grupo Águia Branca	O Vix Labs é o laboratório de inovação da Vix Logística que pertence à divisão logística do Grupo Águia Branca. É um ambiente criativo e colaborativo implantado para criar condições favoráveis para que novos conhecimentos possam ser facilmente compartilhados e ideias possam ser desenvolvidas. Tem o desafio de sustentar a cultura de inovação internamente com o intuito de criar produtos e serviços. A proposta é acompanhar as tendências de mercado e convertê-los em resultados consistentes para a empresa
LabGes / Governo do estado	O LabGes é um laboratório de Inovação, que busca promover e estimular uma cultura de inovação na gestão pública e desenvolver soluções de desafios do Governo do Estado para melhorar o serviço público do Espírito Santo. Tem como destaque o Prêmio Inoves, que por meio de ações de fomento, sensibilização, capacitação, orientação técnica, apoio financeiro, avaliação, reconhecimento e disseminação de práticas inovadoras de gestão, contribui para a modernização da Administração Pública e para valorização do servidor. Desde 2005, mais de dois mil projetos concorreram ao Prêmio, sendo que a iniciativa se tornou reconhecida nacionalmente como referência em inovação na gestão pública pelo modelo e pelas parcerias constituídas.
OAB Lab	O Laboratório de Inovação da OAB/ES tem com o propósito promover a inovação e a colaboração na advocacia e desenvolver soluções de desafios do Sistema OAB/ES para melhorar os serviços, além de fomentar a inovação em todo o Sistema de Justiça. O Hub foi lançado recentemente, mas ainda não possuem espaço físico.

1.6) Living Lab

Living Lab / Empresa ou instituição vinculada	Breve descrição
LabTar/Ufes	O LabTAR é um ambiente multidisciplinar da Ufes onde professores, técnicos, alunos e colaboradores trabalham para gerar e difundir conhecimentos e tecnologias que promovam a inovação baseada na cocriação. O laboratório tem duas frentes de trabalho: uma acadêmica, onde são realizados trabalhos de conclusão de curso e de iniciação científica nas áreas de inovação com participação do usuário e foco na inovação responsável, e outra de aplicação, onde são desenvolvidos projetos junto a empresas e ONGs. Desde 2018, o LabTAR dedica esforços ao estudo dos negócios de impacto, investigando e aplicando metodologias de avaliação de impacto socioambiental. Nessa mesma época, iniciaram a disciplina de empreendedorismo para os alunos, em parceria com a empresa Global Touch e outros atores, utilizando metodologias compartilhadas por outras universidades.

1.7) Venture Builder

Venture Builder / Empresa ou instituição vinculada	Breve descrição
Growth Ventures / Holding	A Growth é uma holding de negócios que atua em duas frentes: venture capital e venture corporate builder. Criam negócios em corporações e impulsionam empreendedores por meio de investimentos (pessoas e recursos financeiros). Dedicam-se a escalar negócios por meio de marketing digital e dados.
UVV HighLine / Universidade de Vila Velha	UVV HighLine é o ambiente de inovação da Universidade de Vila Velha, que possui as diretrizes estratégicas guiadas pelo tripé do empreendedorismo, inovação e sustentabilidade. O evento Inova Week se tornou uma referência na instituição, envolvendo alunos de todas as áreas do conhecimento em uma jornada ao longo do ano. Os projetos são desenvolvidos e apresentados nesta feira que é realizada durante uma semana. Em 2022, foram mais de 900 projetos e muito deles tem potencial para se desenvolverem. Desde 2019, estavam construindo um espaço dedicado a receber os projetos, o qual foi inaugurado em 2022. A UVV HighLine é uma corporate venture builder que está criando um Programa para selecionar empreendedores e investir em startups da universidade e da comunidade externa nos próximos anos.

Anexo 1 – Breve apresentação dos habitats do ecossistema do Espírito Santo

2) Áreas de Inovação ou Ecossistemas de Inovação

2.1) Centro de Inovação

Centros de Inovação / Empresa ou instituição vinculada	Breve descrição
Centro de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento (CPID) / Governo do estado, Ufes, Ifes e outros atores	O Centro de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento (CPID), inaugurado em 2018, é fruto de uma parceria entre a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep); do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e Comunicações (MCTIC); do Governo do Estado, por meio da Secretaria da Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação Profissional (Secti); da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes); do Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema); do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A estrutura conta com uma área administrativa e com uma área técnica, onde foram implantados sete laboratórios para a realização de pesquisas científicas e projetos de desenvolvimento tecnológico.
Ino.VC / ArcelorMittal Tubarão	O iNO.VC é o laboratório de Inovação digital para o segmento de aços planos da ArcelorMittal, com unidades no Espírito Santo, Santa Catarina e Minas Gerais. O Programa tem como proposta acelerar a entrega de resultados tangíveis, ser um agente de mudança de modelo mental e cultural, associar inovação à marca e fortalecer os ecossistemas de inovação. O objetivo é encontrar soluções que fortaleçam os valores de sustentabilidade, qualidade e liderança cultivadas pela empresa globalmente. As ações são direcionadas para os colaboradores, professores e alunos das academias, startups e outros agentes.
Cidade da Inovação / IFES	A Cidade da Inovação é uma iniciativa do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) que está em fase de concepção. Os antigos Galpões do Instituto Brasileiro do Café (IBC), localizado no bairro Jardim da Penha, em Vitória, possui mais de 30 mil metros de área e serão reformados e adaptados para acolher a Cidade. O projeto tem como propósito ser uma plataforma de oportunidades, um conjunto vivo de múltiplas possibilidades que contribua para a transformação social, o impacto cultural e econômico para os jovens e para a comunidade.
Fábrica de Ideias / Governo municipal	A Fábrica de Ideias foi um espaço dedicado à formação de empreendedores, com foco nas áreas que são vocações de Vitória, como serviços, tecnologia, economia criativa e turismo. O local, a antiga Fábrica 747, possui estrutura física para o desenvolvimento de projetos, com salas de aula, auditório, oficinas-laboratório e um espaço multiuso para a realização de exposições e outros eventos de porte maior. O espaço foi cedido ao Ifes pela Prefeitura por meio de uma concessão, mas houve um distrato em 2021. O status atual do projeto não foi divulgado.
Centro de Inovação do Parque Tecnológico de Vitória / Governo municipal	O Centro de Inovação é o primeiro prédio do projeto do Parque Tecnológico de Vitória. Desde o início dos anos 1990, a capital discute a instalação deste empreendimento. Vários estudos de viabilidade foram realizados ao longo dos anos. A responsabilidade pela gestão do projeto, desde o início do processo, é da Companhia de Desenvolvimento, Turismo e Inovação de Vitória (CDTIV), empresa pública municipal. Atualmente, a CDTIV ocupa este prédio, que teve as obras concluídas no final de 2020. O status atual não foi divulgado.

2.2) Hub

Hub / Empresa ou instituição vinculada	Breve descrição
Enjoy Work / Várias empresas	Enjoy Work é um hub localizado no município da Serra. Tem o propósito de conectar, desenvolver pessoas e impulsionar o ecossistema de inovação na região, por meio de uma rede de profissionais e empresas que queiram fazer negócios e estão dispostas a compartilhar seus conhecimentos. O Hub oferece estúdio de podcast, espaço de coworking, salas privativas, eventos para networking e ações de capacitação. Há programas de aceleração e pacotes de benefícios para os mantenedores.
We Believe	WeBelieve é um hub de criatividade, inovação e tecnologia que tem como objetivo ajudar a transformar os negócios através do desenvolvimento, fomento e atração de talentos. A comunidade une grandes corporações, startups, empreendedores, criativos, programadores e cientistas para impulsionar a mudança. Está situado em uma casa no coração da Praia da Costa, com vista permanente para um grande patrimônio capixaba: o Convento da Penha. Apoia iniciativas de empreendedorismo, inovação, marketing, tecnologia e indústrias criativas, sempre em busca de soluções inovadoras que contribuam com a realidade da comunidade ao redor.
Sebrae Lab / Sebrae	O SebraeLab é o hub do Sebrae ES. É um ambiente de estímulo à criatividade e à inovação, apoiado por metodologias flexíveis de aprendizagem, capazes de gerar conhecimento e induzir conexões para a criação e fortalecimento de novos modelos de negócios. Promove a sensibilização e engajamento de clientes, público interno e parceiros para a inovação, capacita empreendedores e colabora para a construção e fortalecimento de redes e networking para inovação. O site do hub está se tornando uma plataforma para concentrar e divulgar editais e programas de fomento à inovação, além de oferecer capacitações para que mais empreendedores acessem essas oportunidades.
Hub Epicentro / Bandes e outros órgãos do Governo do estado	O Hub Epicentro faz parte do Núcleo de Inovação da Gerência de Participações e Investimentos do Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes) e fica localizado na sede do banco, no centro de Vitória. Foi criado em 2018, com o intuito de colaborar com o desenvolvimento e a maturidade do ecossistema de inovação capixaba. O espaço contribui para fomentar e disseminar a inovação e o empreendedorismo e para sensibilizar sobre as oportunidades na área de venture capital para as startups. É um espaço de conexão entre gestoras de fundos de investimento e o mercado local. O Hub é também um espaço compartilhado para apoiar as iniciativas de inovação do Governo do Estado e seus órgãos.
Fonte Hub / Rede Gazeta	Fonte Hub é o ambiente de inovação da Rede Gazeta. O local onde funcionou a redação por muitos anos foi ressignificado para acolher programas internos de inovação, para se relacionar com startups e para ser um espaço de apoio à produção de conteúdo. O Hub tem buscado maneiras de contribuir com o desenvolvimento do ecossistema, ciente do seu papel social na transformação do estado, por ainda prevalecer uma base econômica tradicional, por meio da ampliação da produção de conhecimento e da criação de oportunidade de negócios mais inovadores.
HugB / Grupo Buaiz	O HugB é o hub de inovação do Grupo Buaiz que reúne o Shopping Vitória, Rede Vitória de Comunicações, Escola Americana de Vitória e Buaiz Alimentos. O intuito é fomentar a inovação nas empresas do grupo e aproximá-las do ecossistema. Trabalham a cultura da inovação por meio de programas de ideia, formação de lideranças e multiplicadores internos. Atuam também na área de funding e possuem parcerias no Espírito Santo (Governo, Secti, Tecvitoria, IFES), em outros estados (com instituto de SC) e com startups para o desenvolvimento de POCs.
Hub Base 27 / Várias empresas	O Base27 é um hub corporate que atendem empresas em multsegmentos. Buscam criar uma proposta de valor diferente para cada um dos públicos que se relacionam. Realizam ações e projetos de acordo com o nível de maturidade das empresas mantenedoras. Inicialmente, desenvolvem os times com conhecimento sobre conexão e cultura da inovação. E para as empresas de nível intermediários e avançado outras ações são realizadas como rodadas com startups para acelerar o processo de inovação aberta. Há também a realização de programas de capacitação de jovens em inovação e projetos sociais.
Findes Lab /Findes	O Findes Lab é o hub da indústria, uma iniciativa conjunta da Federação das Indústrias e do Senai. A proposta de valor é conectar desafios às soluções em um ambiente colaborativo que favoreça a inovação aberta, facilitar o processo de inovação com estrutura, método e recursos, apoiar o desenvolvimento tecnológico de ponta a ponta, utilizando metodologia estruturada para tração dos negócios e criar um ambiente propício para as conexões estratégicas.
Hubs da Vale	O Hub da Vale, localizado na Enseada do Suá, em Vitória, é um espaço de compartilhamento de trabalho, um coworking dedicado aos colaboradores da empresa. Mas existe um programa chamado Hubs de Inovação, que engloba atividades direcionada às áreas específicas. Funciona como um modelo de franquia interna, ou seja, a Vale abre uma oportunidade para que funcionários engajados com a inovação liderem a gestão de um hub. A proposta de valor é ser uma alavanca da democratização da inovação para a construção da Vale do Futuro, que neste momento encontra-se rumo aos 100 anos de fundação, tendo se tornada uma referência em inovação e resolução de problemas.

MOV.IE / Faesa	<p>O Movimento Inovação e Empreendedorismo (Mov.i.e) é um Programa da Faculdade Faesa, que se propõe a envolver alunos e empresas para resolver desafios reais. Desenvolve ações de sensibilização e cultura, as quais os alunos são sempre os protagonistas. Atuam sobre três pilares: cultura, educação, protagonismo, de onde partem as ideias de projetos. Os funcionários e professores são envolvidos em ações de formação por meio de trilhas sobre inovação, empreendedorismo e melhoria de processos. O 'Hack Faesa' é um evento organizado por alunos egressos, que somam 28 horas de programação para a resolução de desafios. Nessa oportunidade, empresas também participam com mentorias e na banca de avaliação. No programa 'Faesa Challenge', os alunos recebem desafios do mercado e podem se inscrever, para ajudarem a desenvolver produtos com o apoio dos professores e coordenadores. O 'Faesa Experience' é um evento científico que oportuniza a apresentação de resultados de pesquisas científicas. A Faesa, por meio do Mov.i.e dedica-se à sensibilização sobre a inovação, em relação a conceito e aplicação, mas não há processos de incubação e investimento.</p>
BanesHub	<p>O BanesHUB, o hub do Banco do Estado do Espírito Santo (Banestes), está localizado na Enseada do Suá. Institucionalmente, está sob a Gerência de Dados e Inovação que desde 2015 vem realizando diversas ações como programas de capacitação em inovação para a equipe interna, hackathon, premiações, criação de novos produtos e conexão com startups. Atua participando também de Programas do Findes Lab e apoiando as iniciativas de outros ambientes de inovação do estado.</p>
Impact Hub Vitória	<p>O Impact Hub Vitória faz parte de uma rede global que incentiva o desenvolvimento de pessoas empreendedoras e projetos socioambientais de impacto. Em Vitória, as atividades começaram em 2022, após um processo de candidatura e aprovação para operação da unidade local. Não há espaço físico próprio, mas em breve deverá atuar em parceria com algum ambiente. A proposta de valor é contribuir com empreendedores que geram negócios capazes de mudar a vida das pessoas econômica, social e ambientalmente. O Impact Hub oferece vários programas que são direcionados para empresas que apoiam iniciativas de capacitação, empreendedorismo e sensibilização. Ainda há o desafio de superar a percepção da sociedade de que impacto social seja filantropia ou assistencialismo.</p>
Hub de Gente / Várias empresas	<p>O Hub de Gente foi idealizado em 2020 por gestores e pesquisadores do segmento de recursos humanos com o propósito de ser uma ponte para que todo ecossistema encontre caminhos reais e viáveis, que possam levar a inovação para aprimorar as relações de trabalho. O modelo é itinerante, sendo que as capacitações e eventos são realizados nas empresas mantenedoras para incentivar a confiança e a colaboração entre os pares. Proporcionam ambiência para empresas, academia e startups atuarem em conjunto na busca de soluções inovadoras.</p>
Hub Senac	<p>O Hub Senac será inaugurado em 2023, como um modelo piloto para inspirar as outras nove unidades presentes no estado. A unidade de Vitória está em reforma. Os cursos e capacitações na área de tecnologia e inovação já foram iniciados e abordam temas como criatividade e implementação de ideias. As salas estão sendo equipadas com tecnologias para estimular novos aprendizados como câmera, audiovisual, 3D, drones, lousas interativas, mesa digitalizadora, entre outros.</p>
Hub ES+ Criativo / Governo do estado	<p>O Hub ES+ é um ambiente que busca incentivar a criatividade e o empreendedorismo na área de economia criativa. O espaço vai oferecer uma variedade de serviços, incluindo mentorias, capacitações e colaboração entre os participantes. O objetivo é fornecer suporte e estímulo para os empreendedores criativos transformarem suas ideias em negócios bem-sucedidos. Por meio de uma abordagem colaborativa, o Hub ES+ incentiva a troca de ideias e experiências entre os participantes, criando uma comunidade dinâmica e inovadora. O Hub ES+ é um projeto do Governo do Estado do Espírito Santo por meio da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT) em parceria com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação Profissional (SECTI) e a Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPES).</p>
Rede Pocante	<p>A Rede Pocante é uma associação sem fins lucrativos, criada em 2021. O formato é híbrido e o espaço físico fica no CoSpace. A proposta é oferecer capacitação técnica para o terceiro setor, por meio do Programa Regenera. Um dos projetos mais recentes é o Hub Pocante, um programa de aceleração e inovação para as ONGs, o qual selecionou projeto para participar da primeira edição.</p>
Hub da Saúde / Apex	<p>O Hubio tem como propósito reunir profissionais, empresas, startups, academias e entidades interessadas por inovação em saúde, fortalecendo o ecossistema capixaba com o objetivo de transformar a maneira como a saúde é percebida. O intuito será a busca de conhecimentos, soluções inovadoras, sustentáveis e acessíveis que possam melhorar a vida das pessoas. O projeto, que será lançado em 2023, é uma parceria com a empresa Apex Partners.</p>
Hub Fucape / Fucape Business School	<p>O Hub Fucape foi criado para promover o conhecimento em áreas transversais. É um espaço de cocriação que busca estimular a sinergia entre o conhecimento acadêmico e as práticas de mercado, incubando, acelerando e financiando startups ou praticando coworking ativo em projetos de empresas já maduras. As startups incubadas podem ser de alunos ou de empreendedores externos, principalmente do segmento health e sustentabilidade. O Hub está sediado na Fucape, que atua com um modelo de educação mais empreendedor e prático, em uma estrutura ampla que inclui auditório, salas de estar e café.</p>

Bússola Hub / várias empresas	O Bússola Hub, localizado em São Mateus, tem como missão conectar propósitos para transformar a vida das pessoas e o ambiente de negócios da região norte, por meio da inovação. Como objetivo, busca gerar novos negócios e amadurecer a cultura de inovação local, sensibilizando empresas e seus times, conecta as iniciativas da região a ambientes de inovação, apoia o desenvolvimento da cultura empreendedora e colaborativa para fomentar a comunidade de negócios, gerando um senso de pertencimento e corresponsabilidade de todos os atores com o futuro da cidade.
Barracão do Futuro / Prefeitura, Findes, Sebrae, Bbutton e outros atores	A prefeitura, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Colatina, FindesLab, o Ifes, Sebrae, BButton, outras empresas e atores locais estão se mobilizando por meio de eventos e ações estratégicas, que vão culminar na implantação de um hub de inovação local. O objetivo é sensibilizar sobre a importância da inovação para o desenvolvimento local e os empreendedores terão oportunidades de fomento como o Programa Gênesis e o InovaLab, edição Colatina, para estimular a criação de novos negócios. A iniciativa também tem o apoio do Sebrae por meio do programa Ecossistema Local de Inovação (ELI) e do Agente Local de Inovação (ALI).
Espírito Hub / Várias empresas	O Espírito Hub está sediado em Linhares, região norte do Espírito Santo. É uma associação sem fins lucrativos constituída em 2022 e mantida por empresas privadas, com o objetivo de conectar pessoas e empresas às oportunidades de conhecimento e novos negócios, desempenhando um papel fundamental que é o de contribuir para a formação e fortalecimento do ecossistema de inovação da cidade e entorno. Estão sensibilizando atores locais para juntos realizarem programas para empreendedores, feiras de negócios, capacitações para professores, pesquisadores e inventores. A sede própria será inaugurada em 2023.
Distrito 28 / Messes, Ifes, Centro Rochas, Sindirochas, Cetemag e outros atores	Em Cachoeiro de Itapemirim, o Movimento Empresarial Sul Espírito Santo (Messes), Ifes, Centro Rochas, Sindirochas, Cetemag e outros atores estão se organizando para criar um hub, o Distrito 28, que vai funcionar no espaço físico onde era a sede do Ibama. Desde agosto de 2022, está sendo elaborado o plano de ocupação. A ideia é aplicar os conceitos da Cidade da Inovação do \ ser um ambiente propício para o fomento ao empreendedorismo e a geração de conexões entre problemas, soluções tecnológicas e inovadoras e o desenvolvimento da região.

2.3) Distrito/Polo de Inovação

<i>Distritos ou Polos de Inovação/ Empresa ou instituição vinculada</i>	Breve descrição
Polo Inova Serra / Governo do município, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, Ases, Ifes e outros atores	O Polo Inova Serra é uma iniciativa que conecta a prefeitura municipal, comunidade acadêmica e a Associação de Empresários da Serra (Ases) e está em processo de implementação. É uma ação estratégica para incentivar o desenvolvimento do município por meio da inovação. Busca estimular a criação de negócios inovadores de base científica e tecnológica. As empresas que se instalarem neste distrito poderão ter incentivos fiscais como desconto no IPTU, redução da alíquota do Imposto sobre Serviços (ISS) e redução do Imposto sobre a Transmissão de Bens Imóveis (ITBI). Diversas iniciativas estão fomentando as ações como o 1º Desafio InovaSerra, que mobilizou empreendedores para encontrarem soluções para desafios reais do município.

Anexo 2 – Entrevistados e Gestores dos ambientes promotores de inovação do Espírito Santo

	ATOR DO ECOSISTEMA	GESTOR E CARGO	ENTREVISTADO
1.	Action**	Niasi Borjaille, Presidente	Denis Ferrari, Relacionamento com Startups
2.	Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e Do Empreendedorismo do Governo do Estado (ADERES)**	Ana Ivone Marques, Assistente de Gestão	Ana Ivone Marques
3.	Agifes Núcleos Incubadores do IFES	Leandro Vianna, Coordenador Sistêmico da Incubadora do Ifes	Leandro Vianna
4.	APEX Ventures**	Thompson Alves – Diretor de compliance e investimentos	Barney Monteiro, Analista de Mercados Privados
5.	Azys Inovação	Denis Ferrari, CEO	Denis Ferrari
6.	BanesHUB	Gustavo Leandro, Gerente Geral do Hub	Gustavo Leandro
7.	Bbutton Consultoria e BButton Space Colatina**	Yuri Nico, Chief Operating Officer	Yuri Nico
8.	Brooder **	Alexandre Rodrigues, Business Development – Dealflow – Leader	Alexandre Rodrigues
9.	Bússola Hub	Erasmus Brito, Presidente do Hub	Erasmus Brito
10.	Centro de Inovação do Parque Tecnológico de Vitória*	-	-
11.	Centro Tecnológico do Mármore e Granito (Cetemag)**	Evandro Milet, Presidente do Cetemag, apresentador do Programa Inovação na Band News FM e curador do blog 'O novo normal'	Evandro Milet
12.	Cidade da Inovação	Peter Dostler, Gestor do Projeto	Peter Dostler
13.	CPID	Matheus Oggioni, Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação Profissional (SECTI)	Matheus Oggioni
14.	Cricaré Valley	Felipe Oliveira Sousa, coordenador de inovação e pesquisa	Felipe Oliveira Sousa
15.	Enjoy Work	Wander Miranda, CEO	Wander Miranda
16.	Espaço empreendedor da Ufes	Prof. Anilton Garcia, Diretor de Inovação Tecnológica	Prof. Anilton Garcia
17.	Espírito Hub	Arísio Tessarolo, Presidente	Alessandra Zanardi, Gestora
18.	Evangelico Lab	Cindy Rozetti, Gerente do Centro de Ensino, Pesquisa e Inovação	Cindy Rozetti
19.	Fábrica de Ideias*	-	-
20.	Findes Lab	Nayara Santiago, Coordenadora Operacional	Iomar Cunha, Articulação para a Inovação
21.	Fluyd	André Taveira, CEO	André Taveira
22.	Fonte Hub	Eduardo Linderberg, Diretor de Inovação e Novos Negócios e Letícia Lima, Gerente de Inovação da Rede Gazeta.	Eduardo Linderberg

23.	Global Touch**	Júlia Caiado, CEO	Júlia Caiado
24.	Growth	Sérgio Estevam Junior, Presidente Executivo	Sérgio Estevam Junior
25.	Hub 028**	Ricardo Lima, Secretário Executivo do Movimento Empresarial Sul Espírito Santo (Messes)	Ricardo Lima
26.	Hub Base 27	Michele Janovik, CEO	Michele Janovik
27.	Hub da Saúde – Hubio	Marcelo Murad	Juliana Binda, Diretora Executiva
28.	Barracão do Futuro**	José Antônio Buffon (estava) Secretário de Ciência e Tecnologia de Colatina	José Antônio Buffon e Mateus Pereira, Superintendente de Inovação e Parcerias
29.	Hub de Gente	Cátia Hors – Diretora Presidente	Cátia Hors
30.	Hub Epcentro	Lorena Gladys, Coordenadora do Núcleo de Inovação, Marketing e Desenvolvimento	Lorena Gladys e Ivone Pontes, Gerente de Participações e Investimentos
31.	Hub ES + Criativo*	-	-
32.	Hub Fucape	Lara Sepulcri, Coordenadora do Hub (no momento da entrevista). Atualmente Jacson Tiola assumiu.	Lara Sepulcri
33.	Hub Senac	Richardson Schmittel, Diretor Regional do Senac-ES	Richardson Schmittel
34.	Hubs da Vale	Crisley Dellaqua Pacheco – Gestora dos Hubs da Vale (Vitória) Leandro Viana – Gerente da Área de Inovação e Aceleração digital (BH)	Ana Beatriz Carvalho, time de Gestão dos Hubs de Inovação
35.	HugB	Américo Neto, CEO do HugB	Anna Paula Oliveira, Líder de Inovação
36.	Impact Hub	Lícia Mesquita, Diretora Geral	Lícia Mesquita
37.	Incubadora Insight	Daniela Ceruti, Coordenadora da Incubadora	Daniela Ceruti
38.	Espaço Empreendedor/ ICT Ufes	Anilton Garcia, Diretor de Inovação Tecnológica	Anilton Garcia
39.	Ino.VC	Andréa Simões Furtado, Gerência de Transformação Digital	Lincoln de Rezende, Relacionamento com o Ecossistema
40.	Instituto de Tecnologia do Senai	Edglei Marques, Gerente de Tecnologia	Edmilson Queiroz, Coordenador de Tecnologia e Inovação e Evelyn Oliveira, Analista de Projetos Pleno
41.	LabGes	Nara Caliman, Gerente do LabGes	Nara Caliman
42.	LAbTar	Míriam Magdala, Professora e Coordenadora do Grupo de Pesquisa da Ufes	Míriam Magdala
43.	MilSenior	Júlio Melo, Diretor da Milsenior	Daniele Colombari, Especialista em Inovação Aberta
44.	Movimento Inovação e empreendedorismo – Programa MOV.IE da Faesa.	Alessandra Pattuzzo, Gestora de Inovação, Pesquisa e Extensão	Alessandra Pattuzzo
45.	Platt	Maurílio Alberone, Head da Platt	Maurílio Alberone, Head da Platt

46.	Polo Inova Serra	Pedro Henrique Trindade, Secretário de Inovação, Ciência e Tecnologia da Prefeitura de Serra	Pedro Henrique Trindade
47.	Polo Zaia/UCL	Sandro Lobato, Diretor Geral	Ricardo Lima
48.	Prosperas Incubadora	Iandra Gasparini, Coordenadora da Incubadora	Iandra Gasparini
49.	Rede Pocante	Paola Mariano, Presidente da Associação	Paola Mariano
50.	Sebrae Lab	Célia Perin, Gestora do Sebrae Lab	Célia Perim
51.	Space 22**	Brener Rodrigues, CEO	Brener Rodrigues
52.	Star Aceleradora	André Taveira, CEO	André Taveira
53.	Tecvitória, Incubadora de Empresas de Base Tecnológica	Rafael Lima, Diretor Executivo	Pedro Três, Diretor Jurídico e de Relações Institucionais
54.	UVV Highline	Jefferson Cabral, Diretor Executivo da UVV Highline	Jefferson Cabral
55.	Vix Labs	Maithê Scherrer, Supervisora de Inovação	Maithê Scherrer
56.	We Believe	Breno Rabelo, CEO	Felipe Ribeiro, comercial/relacionamento e Sany Leite Nunes, Community Manager

*Não foram entrevistados, por ausência de retorno em tempo hábil.

**Foram entrevistados, mas as respostas não foram incluídas na pesquisa, por representar um ator de outra hélice ou por sua contribuição significativa ao ecossistema de inovação do Espírito Santo.